

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

João Henrique Santoni

A institucionalização escolar da prática do skate no currículo de Educação Física
da Rede Pública Estadual de São Paulo (2010 a 2018)

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo
2020

João Henrique Santoni

A institucionalização escolar da prática do skate no currículo de Educação Física da Rede Pública Estadual de São Paulo (2010 a 2018)

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, História, Política, Sociedade da PUC/SP, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dra. Helenice Ciampi.

São Paulo
2020

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.169604/2018-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88887.169604/2018-00

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, à minha mãe, ao meu pai, a minha orientadora, aos amigos e colegas da Educação e a todas as pessoas que conheci através do universo cultural do skate.

SANTONI, João Henrique. *A institucionalização escolar da prática do skate no currículo de Educação Física da Rede Pública Estadual de São Paulo (2010 a 2018)*. 2020. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

RESUMO

A prática e o universo cultural do skate são marcados por transformações históricas e sociais que podem ser identificadas através de quatro momentos: o lazer, o processo de esportivização, a transgressão cultural e a relação entre skate e educação. A relação entre skate e educação é marcada por dois tipos de análises: uma ligada à Educação Física que argumenta sobre as possibilidades educacionais do skate e, outra linha que identifica conflitos nas relações entre os skatistas e a instituição escolar. A pesquisa pretende verificar estas questões analisando o currículo de Educação Física do Ensino Médio, terceiro ano, por meio do Caderno do Professor e do Aluno da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Objetiva identificar como no currículo é concebida a prática do skate e o projeto pedagógico que o embasa assim como as potencialidades e os limites da prática do skate no espaço escolar. O recorte temporal irá de 2010 (ano em que a Proposta Curricular torna-se Currículo Oficial do Estado de São Paulo) até 2018, (ano do início desta pesquisa). Os autores que embasam a pesquisa são: Goodson (1995), Sacristán e Gomes (1998), e Apple (1989) para a discussão sobre currículo; Julia (2001) e Viñao Frago (2006) para o conceito de cultura escolar; Honorato (2004), Brandão (2006) para o debate da história e prática do skate; Boim, (2010), Almeida Neto e Ciampi (2015) e Ribeiro (2015) para a discussão do Programa São Paulo Faz Escola. A pesquisa confirmou as hipóteses de trabalho: embora presente no conteúdo curricular a prática do skate não se concretiza, pois desconsidera as condições objetivas de trabalho, a cultura escolar e os saberes docentes.

Palavras-chave: Currículo de Educação Física. Ensino Médio. Skate. Programa São Paulo Faz Escola.

RESUMEN

La práctica y el universo cultural del skate son señaladas por transformaciones históricas y sociales que pueden identificarse a través de cuatro momentos: el ocio, el proceso desportivo, la transgresión cultural y la relación entre skate y educación. La relación entre skate y educación apunta dos tipos de análisis: primero, la Educación Física que argumenta sobre las posibilidades educacionales, y segundo que identifica conflictos en las relaciones entre eskater y el Colegio. La investigación trata estas cuestiones analizando el currículum de Educación Física de la enseñanza Media por medio de los apuntes del profesor (caderno do professor) y del alumno de la secretaría de educación del Estado de São Paulo. El objetivo es identificar cómo en el currículum se concibe la práctica del skate y el proyecto pedagógico que contiene, así como las potencialidades y los límites de la práctica del skate en la escuela. El periodo de estudio fue del 2010 (año en que la Propuesta Curricular se convierte en el Currículum Oficial del Estado de São Paulo) hasta 2018 (año del inicio de la pesquisa). Los autores de las pesquisas son: Goodson (1995), Sacristán (1989) y Apple (1989) para la discusión sobre el currículum; Dominique Julia (2001) y Viñao Frago (2006) para el concepto de cultura escolar, Honorato (2004), Brandão (2006) para el debate de la historia y práctica del skate; Boim, (2010), Almeida Neto y Ciampi (2015) y Ribeiro (2015) para la discusión del Programa São Paulo faz Escola. La investigación confirmó las hipótesis de investigación: aunque presente en el contenido curricular, la práctica del skateboard no se materializa porque ignora las condiciones de trabajo objetivas, la cultura escolar y el conocimiento de la enseñanza.

Palabras-clave: Plan de estudios de educación física. Escuela secundaria. Skate .Programa São Paulo Faz Escola.

ABSTRACT

The practice and the cultural universe of skateboarding are marked by historical and social transformations that can be identified through four moments: leisure, the sporting process, cultural transgression and the relationship between skateboarding and education. The relationship between skateboarding and education is marked by two types of analysis: one linked to Physical Education that argues about the educational possibilities of skateboarding, and another line that identifies conflicts in the relationships between skateboarders and the school institution. The research intends to verify these questions by analyzing the curriculum of Physical Education in High School, third year, through the Notebook of the Teacher and the Student of the Secretary of Education of the State of São Paulo. It aims to identify how the practice of skateboarding and the pedagogical project that underlies it are conceived in the curriculum, as well as the potential and limits of skateboarding in the school space. The time frame will run from 2010 (year in which the Curriculum Proposal becomes the Official Curriculum of the State of São Paulo) until 2018, (year of the beginning of this research). The authors that support the research are: Goodson (1995), Sacristán (1988), and Apple (1989) for the discussion on curriculum; Dominique Julia (2001) and Viñao Frago (2006) for the concept of school culture; Honorato (2004), Brandão (2006) to debate the history and practice of skateboarding; Boim, (2010), Almeida Neto and Ciampi (2015) and Ribeiro (2015) to discuss the São Paulo Faz Escola Program. The research confirmed the working hypotheses: although present in the curricular content, the practice of skateboarding does not materialize because it disregards the objective working conditions, the school culture and the teaching knowledge.

Keywords:Physical Education Curriculum. High school. Skate. São Paulo Faz Escola Program.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENP	Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
CGEB	Coordenadoria de Gestão da Educação Básica
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EFE	Educação Física Escolar
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCAV	Fundação Carlos Alberto Vanzolini
FDE	Fundação para o Desenvolvimento da Educação
FESPSP	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
IEFEs	Instituto de Educação Física e Esportes
ISATT	International Study Association on Teachers and Teaching
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONG	Organização Não-Governamental
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
REPERES	Rede de Pesquisa sobre a Relação com o Saber
SARESP	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SEE-SP	Secretaria de Estado da Educação de São Paulo
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourado
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
Unicid	Universidade Cidade de São Paulo
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1.....	57
---------------	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Introdução do conteúdo “Contemporaneidade: Esportes Radicais”	67
Figura 2 – Situação de Aprendizagem 7: “A invenção da roda e a criatividade sobre rodas” .	68
Figura 3 – Desenvolvimento da Situação de Aprendizagem 7. Etapa 1 – “Na terra, no ar e na água”	69
Figura 4 – Seção Desafio! – O mundo do skate	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – SKATE: HISTÓRIA E PRÁTICAS	20
1.1 História do Skate	20
1.2 Skate como prática social	24
1.3 Skate como prática pedagógica	30
CAPÍTULO 2 – O CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO.....	38
2.1 O Programa São Paulo Faz Escola	38
2.2 A proposta curricular de Educação Física do Estado de São Paulo	45
2.3 O currículo de Educação Física para o Ensino Médio.....	51
CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA DO SKATE: ESTRATÉGIA OU CONTEÚDO?	63
3.1 O skate no currículo oficial de São Paulo	63
3.2 O skate no Caderno do Professor do Ensino Médio.....	65
3.3 O skate no Caderno do Aluno no Ensino Médio.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

INTRODUÇÃO

Fiz a graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e desde então me interessei pela temática da cultura e juventude desenvolvidas nas aulas de Sociologia e Antropologia.

No ano de 2012 iniciei o curso de pós-graduação “Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas” na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). O curso com uma perspectiva interdisciplinar, baseada nas disciplinas Sociologia, Psicologia e Psicanálise, tinha como objetivo estudar e compreender a juventude em sua dimensão cultural e política.

Durante o ano letivo de 2013, realizei meu trabalho de conclusão de curso na disciplina “Sociologia da Juventude” intitulado “O som da rebeldia: a relação entre a prática do Skateboard e o Punk Rock”. O trabalho abordava a relação entre essa prática esportiva e o estilo musical conhecido como punk rock, na maneira de se vestir e de se comportar perante a sociedade.

No final do ano de 2013, prestei o concurso público para Professor de Sociologia da Rede Estadual de São Paulo e fui aprovado. No mesmo período, surgiu a oportunidade para trabalhar como Educador Social em uma Organização Não-Governamental (ONG) na região de Santo André, ministrando oficina socioeducativa voltada para o ensino da prática do skate para crianças e adolescentes da faixa etária entre 05 até 15 anos de idade. O título inicial da oficina era “Esportes Radicais” e depois mudou para “Culturas Urbanas”.

Trabalhei como Educador Social na Oficina de Culturas Urbanas até o ano de 2017 e atualmente sou professor efetivo de Sociologia na Rede Estadual do Estado de São Paulo.

Durante o período que dividia meu trabalho profissional entre a ONG e a escola estadual começaram meus questionamentos sobre a presença do skate na instituição escolar da rede pública. Eu vivia duas realidades profissionais: atuava em uma ONG que através das doações de terceiros conseguia ter uma estrutura econômica que permitia investir na compra de materiais para a prática do skate para crianças e adolescentes e ao mesmo tempo, atuava na rede pública de Ensino vivendo uma realidade completamente oposta.

Em conversa com meus alunos do ensino médio sobre a presença do skate na instituição escolar, alunos e alunas reclamavam que nem sempre podiam entrar de skate na escola. Era necessária uma negociação com a hierarquia escolar: inspetores, coordenação pedagógica e até mesmo a direção escolar. Conseguiram entrar com o skate na escola, com a condição que não fosse utilizado nas dependências da escola. Talvez com a autorização do Professor da área da Educação Física poderia ser utilizado na quadra esportiva. Mas sempre havia ressalvas por receio de que o skate pudesse destruir ou danificar algum patrimônio público, pois a prática do skate exige uma relação direta com os espaços arquitetônicos, dentro ou fora da escola.

Ao mesmo tempo, alunos e alunas que não praticavam o skate, mas que demonstravam interesse em aprender essa prática também questionavam o cotidiano escolar com relação às práticas esportivas. Por que não havia a presença do skate dentro das escolas? Tal inquietação me levou a procura das respostas para esta questão. Mas como um Professor de Sociologia poderia encaminhar este problema, referente à outra área de conhecimento, a Educação Física? Mas considerei que diziam respeito à escola e a educação como um todo.

Na sala dos professores havia exemplares do Caderno do Professor e do Aluno para as séries do Ensino Médio. Resolvi analisá-los e identificar se havia referências a prática do skate no currículo do ensino médio da secretaria de educação do estado de SP.

Encontrei a menção, na Situação de Aprendizagem intitulada, “A invenção da roda e a criatividade sobre rodas”, presente no volume 1 da área de Educação Física para o terceiro ano do Ensino Médio, no tema “Contemporaneidade: Esportes Radicais”. A proposta é fazer com que os alunos e alunas da Rede Pública Estadual de São Paulo vivenciem as modalidades esportivas sobre rodas, o skate e/ou patins.

O currículo oficial do Estado de SP, especialmente, no Caderno do Professor do terceiro ano do ensino médio apresenta conteúdos, imagens e atividades para a prática do skate. Entretanto, a experiência com meus alunos e alunas mostrava outra percepção, ou seja, não estava realmente efetivado nas práticas pedagógicas da instituição escolar. O que me fez levantar a seguinte questão: Como a Secretaria de Educação entende a prática do skate no Ensino Médio da Rede Estadual?

Apesar de ser praticante do skate e de ter trabalhado como educador social, ensinando a prática do skate para crianças e adolescentes, resolvi pensar a questão na perspectiva de um professor da Rede Pública Estadual de Ensino de São Paulo.

Nos cinco anos de docência na rede pública do estado de SP, e nas duas unidades escolares que trabalhei como Professor de Sociologia, percebi o quanto os estudantes tinham interesse, vontade e disposição para aprender as manobras e as técnicas do skate, mas nunca tiveram esta oportunidade. Mesmo com a presença do skate no currículo do terceiro ano do ensino médio, o skate não era implantado e nem efetivado no cotidiano escolar.

Acredito que estas observações surgidas do meu cotidiano profissional me levaram aprofundá-la no mestrado do Programa Educação, História, Política, Sociedade da PUC/SP. Minha intenção era problematizar criticamente a contradição expressa no currículo escolar da Rede Estadual do estado de SP.

A relevância e a pertinência do tema estão na proposta de compreender o entendimento do currículo de Educação Física sobre a prática do skate. A intenção é identificar como o currículo da Rede Pública Estadual concebe a prática do skate e qual o projeto político-pedagógico, que o embasa. Daí a análise do Programa São Paulo Faz Escola criado pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo no ano de 2008.

Goodson (1995), nos alerta sobre a importância do estudo do currículo oficial para questionar as pretensões colocadas pelo currículo pré-ativo. Afirma o autor:

Se não analisarmos a elaboração do currículo, a tentação será aceitá-lo como um pressuposto e buscar variáveis dentro da sala de aula, ou pelo menos, no ambiente de cada escola em particular. Estaríamos aceitando como “tradicionais” ou “pressupostas”, versões de currículo que num exame mais aprofundado podem ser consideradas o clímax de um longo e contínuo conflito. (GOODSON, 1995, p.24).

Paralelamente a este questionamento, nos interessa acompanhar o processo de transformação da prática esportiva do skate em prática pedagógica. Identificar as maiores dificuldades na implantação de uma aula de skate na rede pública de SP. A análise curricular nos dará algumas pistas nesse entendimento.

O levantamento bibliográfico da pesquisa foi realizado em etapas. Em 2013, como mencionei, elaborei o Trabalho de Conclusão de Curso “Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas” na FESPSP, abordando a relação entre o skate e música e tive acesso a duas obras que foram importantes para perceber a relevância da temática do skate para o mundo acadêmico.

O primeiro livro é a coletânea de artigos, *Skate & Skatistas: questões contemporâneas*, organizado por Brandão e Honorato (2012). A obra é composta por artigos de caráter multidisciplinar, apresentando estudos da área da Educação, História, Sociologia, Antropologia e Educação Física. Analisam o skate sobre as diversas perspectivas que integram sua prática: redes de sociabilidade, formação de identidades culturais, processos de esportivização, relações de gênero, poder, design gráfico e outros.

O segundo livro que auxiliou na reflexão sobre o skate, intitula-se, “De carrinho pela cidade: a prática do skate em São Paulo” escrito por Machado (2014). Trata-se da dissertação de mestrado, em Antropologia Social defendida na Universidade de São Paulo (USP). Machado explica que:

A pesquisa vislumbra analisar os múltiplos sentidos atribuídos à prática da modalidade *street* skate na cidade de São Paulo. Por meio de uma etnografia realizada entre março de 2009 e abril de 2011 pretende-se evidenciar não só aspectos em torno do exercício de uma prática esportiva, mas, sobretudo, as implicações em virtude dos usos e apropriações dos espaços urbanos por parte dos cidadãos. De uma forma bem ampla, objetiva-se mostrar como a cidade pode ser lida e ordenada simbolicamente por meio daquilo que muitos interlocutores chamam de olhar skatista. (MACHADO, 2014, p.67).

As duas publicações foram importantes pela contribuição da Sociologia, Antropologia e Educação Física na reflexão crítica sobre a prática do skate.

O levantamento bibliográfico incluiu também a pesquisa em plataformas oficiais, como o Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e na Scielo, biblioteca eletrônica de periódicos científicos brasileiros. A pesquisa foi realizada a partir da palavra chave “skate” e depois incorporando duas outras palavras chaves: “escola” e “educação”.

No site da Scielo, o resultado da busca nos levou ao artigo “O skate e suas

possibilidades educacionais”, escrito por Armbrust, Lauro (2010). Os autores são da área da Educação Física e o artigo foi publicado na Revista Motriz, Revista de Educação Física da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) de Rio Claro.

O artigo apresenta o crescimento e o interesse pela prática dos esportes radicais, de aventura e de ação. Informa que a prática do skate está relacionada aos esportes radicais em razão do fator risco que envolve esta modalidade esportiva. Sobre a relação entre skate e educação os autores elaboram o seguinte questionamento:

Tendo em vista a educação física que se renova, recria e aprimora seus conceitos, conteúdos e didáticas, sugerem-se algumas reflexões sobre propostas contemporâneas e as práticas que vemos constantemente nas ruas, por que não levá-las para a escola, por que não perguntar e conversar com as crianças? Talvez, muitas queiram novas modalidades dentro do âmbito escolar. Às vezes, as crianças já praticam tais atividades nos momentos livres e recreativos, porém se não olharmos para o ser humano em plena formação, talvez algumas desistam no meio do caminho, por não se desenvolverem, nem melhorarem em tais práticas. (ARMBUST; LAURO, 2010, p.800).

Os autores indicam que a presença do skate nas instituições escolares representa um potencial pedagógico muito forte para crianças e adolescentes. O artigo traz dados históricos que mostram que o mundo acadêmico já vem refletindo sobre o skate, principalmente na área da Educação Física:

As aproximações com a educação começaram com as realizações de palestras sobre o contexto histórico do skate no Brasil e no mundo, em 1990, na cidade de São Paulo, ministradas pelo professor Flávio Antônio Ascânio Lauro. Já, em 1997, aconteceu o workshop “Prática e ensino do skate” e, em 2000, foi realizado o I Encontro Acadêmico de Esportes de Aventura (LAURO; DANUCALOV, 2005, p. 114). Além disso, surgiram disciplinas de cursos universitários e de extensão em 2000, pós-graduação em 2002 e outras atividades relacionadas aos esportes radicais, de aventura e de ação (Ibid; ARMBRUST; BORTOLETTO JR, 2007).(ARMBUST; LAURO, 2010, p.802).

No levantamento bibliográfico realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) selecionei as seguintes publicações: “Atividades Físicas de Aventura: Proposta de um Conteúdo na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental” de Franco(2011), “Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental” (FRANÇA, 2016) e “O Skate e suas

possibilidades educacionais” de Armbrust, Lauro (2010) que explicitam possibilidades educacionais envolvendo a prática do skate, centrando no ensino fundamental.

Outras pesquisas acadêmicas das áreas das Ciências Humanas buscam compreender e problematizar as relações e os conflitos existentes entre as normas e regras das instituições escolares e a sociabilidade dos skatistas.

Os trabalhos “O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas” de Lima (2017) e “Manobras Educativas: Sociopoetizando o aprender em movimento com skatistas do litoral do Piauí” escrito por Silva (2018), argumentam que a relação entre escola e skatistas gera tensões sobre a estrutura institucional escolar.

As publicações elencadas expressam as preocupações e discussões que profissionais da educação e pesquisadores estão realizando sobre a relação skate e educação. Reforçam a importância do debate e da pesquisa sobre o tema.

O problema, a questão de pesquisa que fundamenta esta dissertação é indagar como a Secretaria de Educação pelo projeto São Paulo Faz Escola entende a presença e a prática do skate no Ensino Médio na Rede Estadual de São Paulo. Tem, portanto como objeto de estudo a prática do skate como apresentada no currículo da rede estadual de Ensino do Estado de São Paulo.

Implantado em 2008, desde 2010 tornou-se o currículo oficial do Estado objetivando apoiar os gestores, professores e alunos da rede pública paulista. O material reúne um conjunto de Cadernos para os alunos e professores, organizados por disciplinas e por bimestres, contendo temas, atividades, situações de aprendizagens e avaliações.

Criado sob a supervisão, idealização e responsabilidade da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP), os cadernos produzidos para a proposta curricular foram elaborados por meio de convites realizados pela Fundação Vanzolini a profissionais ligados às universidades estaduais, diferentemente daquilo que se poderia esperar que fosse produzido pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

A proposta de reorganização do currículo escolar concebida por meio do Projeto Pedagógico São Paulo faz Escola visa, sobretudo, formatar o que é ensinado na rede pública de ensino. Na carta de apresentação da proposta curricular do estado de São Paulo, a então secretária da Educação reafirma o compromisso do projeto com a qualidade de ensino e os esforços onerosos para garantir a estrutura e o sucesso das metas estabelecidas. (BOIM, 2010).

A colocação da secretaria de educação nos dá a impressão que tal política educacional se apresenta como exemplar, sem explorar as dificuldades de implantação e mesmo as críticas e questionamentos apresentados por pesquisadores e profissionais da educação, assim como da mídia em geral.

Nossa questão fundamental pode ser desdobrada em outros questionamentos: como foram pensadas/encaminhadas as condições materiais para viabilizar a concretização da proposta para a prática do skate no ensino médio? Qual o motivo de estar presente no currículo de educação física do terceiro ano do ensino médio e não em outros níveis de ensino da rede estadual? Quais são seus conteúdos e atividades programadas? Quais são as prescrições colocadas para os professores da área responsável pelo seu ensino? A proposta respeita as experiências profissionais dos professores ou pressupõe que o saber dos professores deva ser deixado de lado para seguir a orientações técnicas do currículo?

Para Ribeiro (2015) os “cadernos do Estado” (tanto o material do professor como aquele que é oferecido aos alunos) fazem parte de uma política pública educacional implantada nas escolas de rede estadual de ensino do Estado de São Paulo, em 2008. Trata-se de um material voltado aos alunos, professores e gestores com o objetivo de concretizar a Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Segundo a autora:

Fica nítido que este material é diferente dos livros didáticos também utilizados em sala de aula. Este material traz consigo um projeto de educação já imposto no Estado de São Paulo, que muitas vezes mascara o trabalho do professor, trazendo orientações de como ser professor e de como organizar seu fazer pedagógico, retirando do professor sua autonomia enquanto um mediador do conhecimento, pressupondo que quem se utiliza desse material não tem uma posição pedagógica do ensino, ou o que ocorre hoje nas escolas públicas, serve-se de suporte para professores de caráter eventual ou substituto que não estão preparados para a disciplina. O foco do caderno é ainda as competências necessárias para o aluno resolver questões para exames como ENEM ou SARESP, não tendo o foco no real aprendizado do

aluno. (RIBEIRO, 2015, p. 02).

A atual pesquisa parte da seguinte hipótese: ao problematizar a proposta curricular expressa no Projeto São Paulo Faz escola encontramos uma contradição: O skate está presente no conteúdo curricular, mas realmente não se efetiva nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar. Isso ocorre por falta de condições concretas do espaço físico, da disponibilidade de materiais para uso do aluno na prática do skate, assim como da formação do docente.

A metodologia da pesquisa consiste na análise da documentação oficial que compreende o Projeto São Paulo Faz Escola, o currículo de Educação Física e os Cadernos do Aluno e do Professor do terceiro ano do ensino médio.

O *objetivo geral* da pesquisa é verificar o sentido da prática do skate no currículo do ensino médio. Quais as potencialidades, impactos e limites da prática do skate no cotidiano escolar. Os *objetivos específicos* pretendem analisar os conteúdos pedagógicos e atividades da Proposta Curricular do Estado de São Paulo na área de Educação Física, apresentada no Caderno do Professor e do Aluno do terceiro ano do Ensino médio.

A pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o surgimento do skate na sociedade no século passado com sua aproximação com a prática do *surf*. “Skate e sua prática social” apresenta elementos culturais, o lazer, a linguagem, a vestimenta e o gosto musical que ajudam a compreender a cultura do skate. O skate sempre foi alvo do debate: modalidade esportiva ou atividade cultural que gera transgressões na sua prática. E finalmente, o skate como prática pedagógica discute as possibilidades e potencialidades do skate na instituição escolar.

O segundo capítulo, centra-se na discussão do currículo de educação física no estado de São Paulo. Apresenta o surgimento social e político do Programa São Paulo Faz Escola, implantado no ano de 2008, pela Secretária Estadual de Educação. Analisa a proposta curricular de Educação Física estadual e seus eixos temáticos para o ensino médio.

O terceiro capítulo visa problematizar como o conteúdo sobre a prática do skate apresentada pelo currículo oficial da Rede Pública de Ensino, no Caderno do Aluno como no Caderno do Professor. Discute os propósitos pedagógicos inseridos nas situações de

aprendizagem apresentadas.

CAPÍTULO 1 – SKATE: HISTÓRIA E PRÁTICAS

1.1 História do Skate

O skate está presente nas ruas, nas pistas, em projetos sociais, na mídia, em peças publicitárias, em filmes, em federações esportivas e em escolas públicas e privadas das redes de ensino nacionais.

O site da Confederação Brasileira de Skate apresenta uma lista cronológica de fatos importantes para o desenvolvimento esportivo do skate no âmbito nacional e internacional.

A questão histórica da prática do Skate é abordada nos trabalhos de Brandão (2012), “O *surfe* de asfalto: a década de 70 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil”, e Honorato (2004), “Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização”. Este último comenta a construção histórica da prática do skate no Brasil, e explica como ocorre sua passagem de uma atividade de lazer para uma atividade competitiva em torno de campeonatos e surgimentos de marcas que apoiam o mercado esportivo.

“O Estado da Califórnia nos Estados Unidos é considerado o local pioneiro da prática do skateboard no Brasil é a cidade do Rio de Janeiro.” (BRANDÃO, 2012, p.12).

A cidade de São Paulo é reconhecida como espaço urbano importante para o desenvolvimento da prática do skate por suas pistas de skate e *skateparks* construídas nos anos 70 e nos anos 80 e pela ocupação, apropriação e redefinição de espaços públicos da cidade.

Os primeiros registros de um objeto formado pela combinação de um pedaço de tábua de madeira, eixos e rodas surgem entre as décadas de 1930 e 1940. No período entre a Grande Depressão até a Segunda Guerra Mundial, um dos brinquedos caseiros mais populares nos Estados Unidos da América eram os *scooters* ou *go-carts*.

Eram patinetes rudimentares, feitos em casa, com um caixote na frente para simular a frente de um carro e fornecer um mínimo de proteção. As rodas eram finas e feitas de metal, tirada dos patins da época e o local de prática eram as ruas e as ladeiras. Até a década de

1960, o skateboard era encarado pelos seus praticantes como um *brinquedo* que permitia momentos de descontração, diversão e lazer.

Durante a década de 1970, a prática do skateboard acaba estabelecendo uma relação muito estreita com a prática do *surf*. Quando não havia ondas nas praias utilizadas para a prática do *surf*, alguns skatistas tiveram a ideia de retirar as rodas e eixos de patins e colocá-las em tábuas de madeira com a intenção de reproduzir os movimentos que eram feitos no mar para as *ondas concretas* do asfalto.

Este fato histórico é também comentado por Machado:

Somente a partir de 1960 que esse brinquedo improvisado adquiriu novos significados. Com a irregularidade das ondas em praias californianas, vários *surfistas* norte-americanos apropriaram-se das tábuas com rodinhas e deram um outro sentido ao seu uso: após alterarem seus formatos, ficando semelhantes a uma pequena prancha, elas se tornaram uma espécie de *surfe* sobre rodas. Através das mesmas os *surfistas* podiam, de certo modo, *surf*ar a qualquer momento e em muitos lugares, transpondo alguns dos movimentos antes feitos dentro d'água para diversos equipamentos urbanos. Por conta dessa proximidade com o universo do *surfe*, a prática do skate inicialmente foi chamada de *sidewalksurfing*, expressão que pode ser traduzida como “*surfe* de calçada”.(2014,p.19).

Segundo Brandão (2012), o skate chegou ao Brasil na década de 1960, momento em que as pessoas começaram a *surf*ar, influenciadas pelos anúncios na revista americana *Surfer*. O skate apareceu como forma de lazer e ficou conhecido como “*surfinho*”, “*surfinho* de asfalto” ou “*surfinho* de calçada”.

Comenta o autor que o grande marco na história do skate mundial ocorreu em 1974. O engenheiro químico chamado Frank Nasworthy descobriu o uretano, material flexível, que oferecia mais aderência às rodas. Essa inovação tecnológica e industrial possibilitou novas manobras, graças as quais, um maior número de pessoas inexperientes começaram a prática desta modalidade. (BRANDÃO, 2012).

Em entrevista concedida em 2013, César Chaves, um dos pioneiros da prática do skate no Brasil, comenta que seu primeiro skate oficial é do ano de 1968 e era conhecido pelo termo *surfinho*. O skateboard conhecido como *surfinho* era formado por tábua de madeira e peças de patins. Chaves (apud SANTONI, 2013,p.09) comenta que a prática do skate naquele momento

era utilizada como aquecimento antes do *surfista* entrar no mar.

Segundo Chaves (apud SANTONI, 2013, p.09) o motivo da passagem do *surf* para o skateboard, ocorreu na metade da década de 1970, entre 1975 e 1976. Ele trabalhava com prancha de *surf* no município carioca de Saquarema, quando por um anúncio de jornal tomou conhecimento da existência de um *skatedromo*. O *skatedromo* era a pista de skate de Nova Iguaçu, considerada a primeira da América Latina e que foi inaugurada em 22 de dezembro de 1976.

Brandão (2012) também afirma que no decorrer da segunda metade da década de 1970, ou mais especificamente a partir da passagem de 1976 para 1977, diversos fatores começaram a caracterizar o skate como uma atividade em constante ascensão no país e em vias de se tornar um esporte. Tal fato ocasionou modificações nas representações que o percebiam como uma derivação do *surfe*. Aos poucos, perceberem-no como uma prática autônoma e com identidade própria.

Brandão (2006) na sua dissertação de mestrado em História, pela Universidade Federal da Grande Dourado (UFGD), “Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1986) ressalta que:

Embora campeonatos, pistas e praticantes de skate possam ser apontados em vários Estados e cidades brasileiras durante a década de 1970, o Rio de Janeiro desponta, como já notado, por apresentar uma certa relevância no cenário nacional: e isso se deve, entre outros fatores, pela forte ligação entre o *surf* e o skate neste primeiro momento de inserção dessa atividade no Brasil. (BRANDÃO, 2006, p. 96).

Brandão (2012) também considera que além do crescimento no número de praticantes, os novos elementos que ajudaram a impulsionar a prática do skate ocorreram devido a vários fatores: surgimento de lojas e indústrias específicas para o skate, da realização de campeonatos e da construção das primeiras pistas específicas para a prática dessa atividade, como a de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, inaugurada em dezembro de 1976.

Já a primeira pista localizada no Estado de São Paulo surgiu em Alphaville, no ano de 1977 nas dependências do Alphaville Tênis Clube. E, em seguida a pista da Wave Park, em 1978, localizada na região da Avenida Santo Amaro.

No entanto, ao longo dos anos da década de 1980, a cidade de São Paulo progressivamente passou a reivindicar para si o status de “cidade do skate”, provocando a transição do eixo econômico e cultural, antes mais associado ao Rio de Janeiro, agora para São Paulo.

Podemos concluir que, no final da década de 70, surgiram os primeiros sinais que iriam, posteriormente, consolidar um campo esportivo ligado ao skate, fato que também ajudaria na configuração da imagem desta atividade como algo pertinente à juventude. As referências aos diversos campeonatos organizados no período, o surgimento das primeiras pistas e marcas de skate são acontecimentos que objetivamente preparam o terreno tanto para a inserção dessa atividade no campo do profissionalismo quanto para a criação de um novo registro esportivo, atualmente bastante conhecido como “esporte radical”. (BRANDÃO, 2012).

Os esportes têm em comum o gosto pelo risco e pela aventura, muitos com a proposta de engajamento, como a preservação ecológica. Os esportes radicais têm um apelo muito forte com crianças e adolescente. Esses aspecto é relevante para compreender a sua presença dentro do currículo oficial. Segundo Uvinha:

Defendo que a questão dos esportes radicais esteja relacionada de modo direto coma cultura adolescente, basicamente de duas formas: na primeira, atividades costumeiramente vivenciadas pelos adolescentes, sobretudo no campo do lazer, evocam a busca pela inovação, pela quebra com o tradicional, influenciando consideravelmente a criação do elemento “radical” nos esportes que, como vimos, arregimentam adeptos de vários segmentos etários; na segunda, vejo que os esportes radicais podem se constituir para o adolescente em uma ferramenta importante na busca de sua identidade, como um espaço extremamente significativo no qual ele pode experimentar a vida em grupo, a expressão de sentimentos, o gosto pela aventura, elementos estes característicos, porém não exclusivos, desta fase da vida. (2001,p.26).

A passagem da década de 1970 para 1980 é marcada por várias mudanças no cenário do skate. Segundo o site da Confederação Brasileira de Skate, o início da década é marcado por um breve desaparecimento da modalidade. O argumento apresentado foi a migração dos fabricantes para outros esportes como o patins e modalidade BMX no campo das bicicletas. E sem o apoio das indústrias que fabricavam as peças também houve uma diminuição significativa no investimento financeiro em campeonatos e na profissionalização dos atletas.

Mas esta crise momentânea no universo do skate nacional e no cenário norte-americano serviu como alavanca para o avanço e a disseminação de uma nova modalidade do skate, o streetskate ou skate de rua. Segundo Machado:

Desde a sua consolidação, já em meados da década de 1980, a modalidade street skate, como o próprio nome sugere, possui como objetivo central a prática do skate nas ruas das cidades. Entretanto, andar de skate nas ruas não significa dizer que os skatistas, munidos de seus “carrinhos”, circulem por aí dando somente impulsos em asfaltos e calçadas, por entre pedestres, carros, motos, caminhões e outros veículos. Ao contrário, eles transitam e interagem com a dinâmica urbana tendo em vista a procura por picos, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitam a prática do skate. (2014, p.29).

As décadas seguintes viram um aumento significativo do skate no Brasil e no mundo. Coberturas midiáticas, campeonatos, mídias especializadas, campanhas publicitárias, projetos sociais, escolas de skate em pistas privadas e públicas, vídeos de skate ajudaram a conquistar a visibilidade que hoje o skate possui, até chegar ao ponto de ser indicado como modalidade olímpica para os Jogos Olímpicos de 2020 que será realizado em Tóquio no Japão.

Refletindo sobre estes dados históricos da prática do skate podemos realizar a seguinte pergunta: Como ocorre na prática do skate a passagem de uma atividade ligada ao lazer para uma atividade esportiva?

Realizo em seguida, breve panorama sobre as publicações acadêmicas que trabalham e pesquisam a relação entre Skate e Educação mostrando que a prática do skate apresenta potencialidades e conflitos com as instituições escolares e suas práticas normativas. Enfatizo que a relação entre a prática do skate e educação é marcada por possibilidades e limites.

1.2 Skate como prática social

“Juventude, Lazer e Esportes Radicais” de Uvinha (2001) é considerado um dos trabalhos pioneiros na área da Educação Física que abordo sobre o tema do skate e a sociabilidade dos skatistas. O livro, segundo o autor, é fruto da dissertação de mestrado defendida no ano de 1997 no Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O nome da dissertação é “Lazer na adolescência: uma análise sobre os skatistas do ABC Paulista”. (UVINHA, 1997).

Uvinha (2001) no capítulo “Estilo Jovem e Esportes radicais” procura investigar quais elementos permitem nomear um esporte como “radical”, procurando evidenciar como se dá sua manifestação em atividades praticadas no universo juvenil. O autor comenta sobre a relação existente entre a prática do skate e a cultura adolescente:

Defendo que a questão dos esportes radicais esteja relacionada de modo direto com a cultura adolescente, basicamente de duas formas: na primeira, atividades costumeiramente vivenciadas pelos adolescentes, sobretudo no campo do lazer, evocam a busca pela inovação, pela quebra com o tradicional, influenciando consideravelmente a criação do elemento “radical” nos esportes que, como vimos, arregimentam adeptos de vários segmentos etários; na segunda, vejo que os esportes radicais podem se constituir para o adolescente em uma ferramenta importante na busca de sua identidade, como um espaço extremamente significativo no qual ele pode experimentar a vida em grupo, a expressão de sentimentos, o gosto pela aventura, elementos estes característicos, porém não exclusivos, desta fase da vida. (UVINHA, 2001,p.26).

Compreender que o skate também faz parte da esfera do lazer na vida de adolescentes ajuda a mostrar suas potencialidades pedagógicas na instituição escolar .Pereira (2010) na sua tese de doutorado, intitulada “A maior zoeira na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo” ilustra como certos espaços da instituição escolar pública são vistas como símbolos e representações do lazer em contraste com aspectos burocráticos e disciplinadores da escola.

O doutorado do autor foi realizado no Departamento de Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e tem como proposta “buscar entender como as experiências juvenis modificavam e eram modificadas por outras experiências como as escolares, territoriais (de moradores de periferia), tecnológicos, além das de gênero, classe social e raça”. (PEREIRA, 2010, p. 05).

Nos relatos etnográficos realizados em escolas públicas de São Paulo, o autor observa e percebe como o espaço do pátio e da quadra esportiva são representativos do lazer. Segundo o autor:

Apresentado o conjunto administrativo das escolas, ressalto outro segmento de espaços que, embora nem sempre sejam contíguos, configuram formas de atuação muito parecidas, que determinaria o complexo do lazer e da socialidade juvenil por excelência, formada pelo pátio, cantina e quadra

esportiva. As cantinas em todas as escolas públicas observadas são espaços internos cedidos a terceiros onde são vendidos lanches, refrigerantes e guloseimas. Já o pátio e a quadra esportiva são os locais pelos quais os estudantes têm maior apreço dentro da unidade escolar, porque conforme seus depoimentos, configuram os principais lugares para se encontrar os amigos e onde podem estabelecer relações menos controladas pela lógica disciplinadora da escola. Esses lugares também são freqüentados nos momentos de maior prazer para os jovens: no intervalo para o recreio e na prática de atividades esportivas. Conforme já dito anteriormente, o pátio e a quadra esportiva eram os espaços onde se permitiam mais livremente as expressões juvenis. (PEREIRA, 2010, p.92).

O skate na escola pode ser praticado em espaços como o pátio e a quadra esportiva. Esses espaços considerados como representações de lazer das expressões juvenis possibilitam um espaço de aprendizagem baseado no prazer e no lúdico. O lazer aparece então como um elemento importante na sociabilidade dos skatistas tanto dentro como fora da escola. Além do lazer podemos elencar também a linguagem como elemento da prática social do skate. Os termos técnicos para equipamentos e manobras realizadas pelos skatistas são aspectos importantes da sua prática. E podemos pensar como a instituição escolar lida e negocia com esta linguagem ímpar dos skatistas.

O vestuário também é um aspecto importante da prática social do skate. Segundo Uvinha,

O dito look skatista é geralmente atribuído ao uso de um vestuário um tanto modificado aquele que se costuma comprar em lojas, como pares de tênis coloridos pelos próprios usuários e roupas excessivamente largas. De qualquer modo, acredito que, mesmo não sendo uma regra geral, é possível a identificação com um vestuário um tanto peculiar do skatista, fato este comprovado quando analisamos também outros grupos... Seja como um propulsor que hoje movimentava intensamente o mercado da moda, seja pela curiosidade que seu uso evoca, defendo que o fator “vestimenta”, aliado a outros, [...] revela férteis aspectos para se estudar o grupo de skatistas e sua interação com a sociedade mais ampla. (2001, p. 45).

Machado (2014) também comenta o vestuário nas suas etnografias pelos campeonatos de skate na cidade de São Paulo. O autor sinaliza que:

Cada um desses estilos de música influencia até a forma do skatistas se vestir. Enquanto aqueles que preferem rap tendem a usar calças largas e folgadas, bonés abas retas e camisetas tamanho XXL (extra extra large), os que preferem rock geralmente usam calças e camisetas justas no corpo e tênis vulcanizados. Vale ressaltar que essas representações são substanciais, com base nas observações realizadas, e que não dão conta de definir o que

vem a ser mais representativo na constituição do estilo de um skatista, visto que ele é múltiplo e inacabado. De toda forma, são informações interessantes para pensar em como determinadas formas de sociabilidade são organizadas conforme a preferência musical do skatista e, conseqüentemente, sua roupa usada. Alguns elementos específicos da vestimenta do skatista podem aproximá-los ou distanciá-los de outros. Essa é uma forma de marcar a diferença entre eles. Estar junto de outros que compartilham um mesmo gosto musical e um mesmo estilo estético é tornar ainda mais restritos os códigos e símbolos e o acesso a uma rede de relação. Além de trocarem experiências sobre coisas relacionadas ao skate, o diferencial é que nessa forma de sociabilidade entra a variável música: os skatistas atualizam o que acontece de novo no cenário musical que apreciam, expressam seus gostos por determinadas bandas, sugerem aos outros as suas próprias preferências e pontos de vista. (MACHADO, 2014, p.67).

Podemos identificar que a vestimenta dos skatistas reflete outro aspecto importante da sua prática social e cultural: o gosto e o estilo musical.

A preferência musical dos skatistas é das mais diversas. Por mais que se tente definir de uma forma geral qual é o estilo de música preferido por eles, a resposta nunca será fruto de um consenso. Muitos skatistas escutam de tudo um pouco, desde o samba até o heavy metal. No entanto, levando em conta a história do skate há dois tipos de sons que se destacam: o rock e o rap. Enquanto na década de 1980 as bandas de rock – em especial as de punk rock – eram cultuadas, na década de 1990 a preferência se voltou para os grupos de rap. Atualmente, tanto um quanto outro estilo divide as opiniões, mas longe de representar o gosto como um todo. (MACHADO, 2014, p.66).

A pesquisa realizada por Uvinha (2001) nos anos 90 também detectou este importante aspecto da expressão juvenil:

Com relação aos skatistas entrevistados, verifiquei em minha pesquisa que, além do próprio rock, eles costumam ter o hábito de ouvir vários ritmos, entre eles o hardcore, o hip hop e até funks mais clássicos (como o grupo Funkadelic). Entretanto, o campeão de citações como ritmo preferido dos skatistas, seja da Capital, do ABC ou até de outros estados, é o rap...Mostrou-se também um fato comum nas pistas que visitei um aparelho de som tocando bem alto músicas preferidas pelos skatistas, dando uma cor especial a cada session, fato que se repete na maioria dos campeonatos. Concebida nesse sentido, a música parece se transformar numa energia a mais para o skatista buscar a radicalidade em suas manobras. Seja embalado pelo rap ou qualquer outro ritmo que se aproxime do elemento “radical” da modalidade, o skate se relaciona de forma expressiva com a música, fato que tem se mostrado bastante fértil quando se analisam elementos que identificam o grupo. (UVINHA, 2001, p.50).

A questão da transgressão cultural refere-se à associação histórica entre a prática do skate e a cultura punk surgida no final da década de 1970. A formação e combinação da

identidade *skatepunk*, nome dado aos praticantes de skate que escutam música punk rock ou punks enquanto praticavam o skate, levaram a constituição de marcas de rebeldia, contestação e transformações dentro da prática do skate.

Pode-se dizer que o movimento *punk* surgiu em países como Inglaterra e Estados Unidos durante a metade da década de 1970 como uma resposta à sonoridade *complexa* e *mística* da grande parte das bandas de *rock* dos anos 60 e 70. Além da inovação em termos de sonoridade, o movimento punk também pode ser caracterizado como um movimento político e artístico. De acordo com Aguiar:

No desenvolvimento de sua cultura, os punks criavam suas próprias bandas, discos, fanzines, roupas, festas e shows, numa amostra que viria a ser o principal lema do punk, do *it yourself*, ou faça você mesmo. Ao chegar à Inglaterra, por volta de 1976, o movimento ganhou novas características, decorrentes da situação econômica da época. O país enfrentava uma grande recessão, resultado de uma das maiores crises de sua história. As taxas de desemprego eram altas e a juventude não tinha grandes esperanças no futuro. Nessas circunstâncias, quando os ingleses acolhem o punk, ele passa a ter um caráter político-social. Ao do *it yourself* e à vontade de ser próprio somam-se novos lemas, como no futuro); novos valores, como o nihilismo e a anarquia, e duras críticas, protestos e ironias em relação ao sistema. Esse perfil insurgente acabou sendo o que mais marcou os punks; **e toda a sua cultura marginalizada atraiu os skatistas**, identificados com a rebeldia dessa tribo, que ajudou a fortalecer a porção contestadora de sua personalidade (2012, p.117, grifo nosso).

Vale ressaltar que segundo o autor, os skatistas foram atraídos pelo elemento rebelde e contestador do movimento Punk.

O surgimento do movimento punk não fica restrito aos Estados Unidos e Inglaterra, mas ocorre em diversos países durante a década de 1970, incluindo o Brasil¹.

Outra entrevista por mim realizada foi com Guto Jimenez, considerado como uma das

¹ Existem diversas fontes que fornecem elementos para compreender o surgimento do movimento Punk no Brasil. No campo acadêmico podemos citar os trabalhos de Helena Wendel Abramo (1994) “Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano” e o trabalho de Heder Claudio Augusto Souza e Helenrose Aparecida da Silva (1983) intitulado “Absurdos da Realidade: O movimento Punk”. No campo do áudio visual podemos citar o documentário “Botinada: A origem do Punk no Brasil” dirigido por Gastão Moreira e lançado em 2006. O documentário narra o surgimento do movimento punk no Brasil durante o período de 1976 até 1984. O documentário “Punk” dirigido por Sara Yakni e Alberto Giéco e lançado no ano de 1983, retrata o movimento punk em São Paulo e conta com depoimentos de punks e participação das bandas *Ratos de Porão*, *Inocente* e *Fogo Cruzado*. Ambos podem ser encontrados a partir dos links: <http://www.youtube.com/watch?v=22ISR-o4n98&hd=1> e <http://www.youtube.com/watch?v=Ba7jKBM0tIw&hd=1> (Acesso em: 27 nov. 2019).

principais figuras do *skatepunk* brasileiro e carioca. Guto começou andar de skate no Rio de Janeiro no ano de 1975. Foi o primeiro brasileiro a participar do campeonato de skate *Münster Monster Mastership* realizado em 1987 onde alcançou a 14ª posição no ranking na modalidade *street* profissional e na década de 1990 iniciou o trabalho de colaboração com a *Revista Tribo Skate*, uma das referências editoriais no mundo do skate a partir de então. Também participou da locução e organização de campeonatos de skateboard, além de publicar matérias relacionadas ao skate no seu blog chamado *Skateboard Militant*².

Guto comenta sobre a construção social do conceito *skatepunk* no cenário mundial e nacional, destacando o impacto que esta associação entre skateboard e punk rock gerou na sociedade contemporânea.

O vídeo documentário *Bones Brigade: Na Autobiography* dirigido por Stacy Peralta apresenta um dado complementar sobre a dita *morte* do skateboard. Segundo o documentário, um dos motivos do enfraquecimento da prática do skateboard no início da década de 1980 foi o erro de engenharia das pistas de skate. A física das pistas estava completamente equivocada. Ângulos de rampas e curvas foram calculados erradamente, o que provocou o fechamento de diversas pistas nos Estados Unidos. Movimento semelhante ocorre no Brasil. Segundo o vídeo documentário brasileiro *Vidas sobre Rodas* com o fechamento de *skateparks* como a *WavePark* em São Paulo, os skatistas buscavam espaços na cidade para praticar o skateboard, como por exemplo as ruas da cidade paulista e a Marquise do Parque do Ibirapuera.

O skate morreu nos EUA após 1979, já que os custos de seguro das pistas particulares tornaram-se altos demais pra serem bancados por seus donos; esse fenômeno acabou tendo um alcance mundial, e o cenário brasileiro não ficou imune a isso. Daí, nós voltamos a andar nas ruas – e a trilha sonora das ruas era o punk rock. O impacto da fusão do skate com o punk rock foi essencialmente cultural: skatistas passaram a formar bandas, fanzines foram lançados, as roupas passaram a ser mais provocativas aos olhos da sociedade... Enfim, a atitude do “faça você mesmo” ultrapassou os limites musicais e foi incorporada rapidamente por nós, skatistas, e caiu como uma luva diante de nossa perspectiva de cenário da época. O skate deixou de ser um mero “descendente do *surfe*” (como nos anos 70) estilisticamente falando, e passou a assumir uma identidade própria. (SANTONI, 2013, p.12).

Na história da prática do skate sempre houve um debate que permanece até os dias

²<http://www.skateboardingmilitant.com/>

atuais: O skate é um esporte ou uma (*contra*) cultura? Tal discussão ganha novos contornos pela confirmação do skate nos Jogos Olímpicos em Tóquio em 2020.

O artigo “Skate e o seu Design Gráfico” de Aguiar, (2012) indica uma possível resposta para a pergunta realizada. Segundo o autor:

A intransigência do sistema acabou fazendo com que surgisse – entre o grupo praticante de skate – um espírito de rebeldia e independência, culminando numa rejeição àquilo que não faça parte do seu universo ou ao que possa ser considerado establishment ou mainstream. Obviamente, devido ao crescimento do esporte – que atraiu pessoas e origens distintas – essa rejeição não é a mesma se comparada a outras épocas, mas ainda se faz presente. (AGUIAR, 2012, p.115).

Se compreendermos o skate como elemento cultural percebemos movimentos associados a transgressões das normas sociais; seja pela apropriação da cidade através do skate de rua ou com sua associação histórica e política com o Movimento Punk. Mas se analisarmos o skate enquanto objeto de estudo da área da Educação Física compreendemos que tal atividade esportiva possui potencialidades educacionais.

1.3 Skate como prática pedagógica

A relação entre Skate e Educação pode ser entendida em duas perspectivas: como uma categoria de pesquisa na área da Educação Física que propõe possibilidades de inclusão do skate no currículo escolar. A proposta pedagógica é organizada em aulas práticas, conhecimentos sociais, históricos e culturais que constroem e permeiam o universo da prática do skateboard.

A segunda perspectiva apresenta tensões entre a prática do skate e a relação com disciplina e normas escolares.

Como expressão da primeira posição destacamos a dissertação de França (2016), Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º do ensino fundamental. O próprio título do trabalho expressa as preocupações do autor buscando responder à questão: é possível a vivência das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física e quais os limites, possibilidades e contribuições que essas práticas podem revelar no ambiente escolar.

Vale a pena ressaltar que os dados da pesquisa foram construídos através das experiências em aulas de Educação Física com o skate, parkour, slackline e outros.

No estudo intitulado: Atividades Físicas de Aventura: proposta de um conteúdo na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental, os autores (FRANCO *et al.*, 2011) objetivaram verificar a possibilidade em desenvolver atividades físicas de aventura como mais um conteúdo da educação física escolar. A pesquisa foi realizada em três escolas da rede pública de ensino de Campinas (SP) através de aulas com alunos do 5º ano com várias modalidades, entre elas o skate e patins.

A análise dos resultados mostrou grande aceitação dos conteúdos pelos alunos, apesar das estruturas adaptadas e material restrito. Concluem que atividades físicas de aventura são possíveis de serem desenvolvidas nas aulas de educação física no ensino fundamental, “com pequenas adaptações na estrutura física comum das escolas superando barreiras que o senso comum impõe para esse tipo de conteúdo no ambiente escolar.” (FRANCO *et al.*, 2011, p. 18).

Os autores enfatizam que para os novos conteúdos sejam trabalhados na escola é preciso enfrentar as barreiras, “talvez a mais difícil seja a tradição das práticas esportivas”. (FRANCO *et al.*, 2011, p.19). Ou seja, a educação física escolar (EFE) como área de conhecimento enfrenta desafios ao trabalhar determinados conteúdos, que visam ampliar o conhecimento do aluno em relação à cultura corporal em movimento. Parece-nos que tal dificuldade também ocorre no ensino médio.

A prática do skate apresenta uma diversidade de sentidos e de possibilidades educacionais que dependem de vários fatores: formação do educador, materiais disponíveis, organização do espaço físico, etc. Mas será que apenas as garantias dos materiais pedagógicos garantem uma prática positiva, que envolva os alunos?

Pesquisas, expressões da segunda perspectiva de análise sobre a relação entre Skate e Educação apresentam as tensões geradas na relação entre os skatistas e sua prática corporal com a disciplina das instituições escolares. São pesquisas que buscam compreender e problematizar as relações e os conflitos existentes entre as normas e regras das instituições

escolares e a sociabilidade dos skatistas.

A dissertação “Relações com o Skatismo em Florianópolis – SC: um estudo sobre a formação do campo e do habitus” (PEREIRA, 2016) analisou uma das únicas experiências educativas envolvendo o skate na região de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina. O autor procura entender a relação do saber escolar com a prática do skate trazendo a questão do ensino de uma prática esportiva não mediada por modelos formais de educação. Segundo o autor:

Por fim notamos que existe um ponto de confluência que faz do skate uma prática em transição, entre um esporte estabelecido no campo esportivo, e o skate marginalizado e crítico, defensor dos valores da amizade, da agregação, do divertimento e de outra forma de se relacionar com certos valores já estabelecidos por outros esportes.(PEREIRA, 2016, p.134).

A colocação enfatiza a relação do skate com outros esportes no desenvolvimento de valores como a amizade, agregação e lazer. Tal colocação encaminha para uma posição mediadora evitando tendências perigosas na prática do skate, como a formação de grupos fechados.

Como a atual pesquisa procura compreender como ocorreu a institucionalização da prática do skate no currículo escolar do Estado de São Paulo, é fundamental a discussão do conceito de currículo, pois é polivalente e complexo.

Sacristán e Gomes(1998) ao discutir o significado do conceito o coloca como elástico. Poderia ser qualificado de impreciso porque pode significar coisas distintas, segundo o enfoque desenvolvido. Mas ao mesmo tempo, os vários sentidos atribuídos ao currículo indicam uma riqueza, pois oferece possibilidades diferentes de ler, entender e propor intervenções na realidade do ensino.

Nesta perspectiva, permite possibilidades diferenciadas de significado para pessoas quanto para correntes de pensamentos. Diferentes maneiras para configurar o que se pretende quanto aos projetos educacionais, sua constituição, ênfases, prioridades e práticas.

Os autores (SACRISTÁN; GOMES, 1998) afirmam que a cultura selecionada e organizada no currículo não é a cultura em si mesma, mas uma versão escolarizada. Toda

seleção cultural tem determinadas relações de correspondência com o contexto histórico-social no qual se localizam a cultura e as instituições escolares.

O texto curricular é formulado ou planejado fora do meio em que se realiza sua prática, podendo se observar e distinguir forças e influências que atuam no contexto de formulação do currículo, e outras que o fazem no contexto de realização do próprio ensino. A cultura do currículo é uma cultura mediatizada, o que significa que a mediação torna-se fonte de distorção dos propósitos originais declarados e de influências procedentes dos contextos e das práticas que intervêm nesse processo.

Sacristán e Gomes (1998) comentam que, toda mecânica de elaboração curricular introduz elementos que moldam a cultura escolar. O texto didático ou o currículo, não responde às intenções de reproduzir o que entendemos por cultura, mas é uma cultura própria que possui finalidades escolares voltadas à socialização e reprodução.

A questão burocrática também interfere na produção do currículo. As decisões administrativas impactam o desenvolvimento do ensino através da elaboração do material didático. O contexto social, econômico, político e cultural é o primeiro contexto prático externo para entender a realidade curricular.

Nesse sentido se justifica a análise do Programa São Paulo Faz Escola, contexto maior no qual se insere o currículo de Educação Física e sua proposição da prática do skate. Paralelamente, analisaremos o currículo, os conteúdos propostos, prescrições e normas para a realização das aulas de educação física e a prática do skate.

A análise realizada por Goodson (1995) permite ampliar a compreensão sobre a relação do currículo escrito e da escolarização. Afirma que o currículo escrito é um testemunho visível, público e sujeito a mudanças, uma lógica que se escolhe para legitimar uma escolarização.

Como tal o currículo escrito promulga e justifica determinadas intenções básicas de escolarização, à medida que vão sendo operacionalizadas em estruturas e instituições. O currículo escrito nos proporciona um testemunho, uma fonte documental, uma mapa do terreno sujeito a modificações. Constitui também um dos melhores roteiros oficiais para a

estrutura institucionalizada da escolarização.

Goodson (1995) chama a atenção para a importância dos interesses e prioridades sociopolíticas. Enfatiza, portanto, a construção social do currículo. Seu questionamento é enfático:

Que tipo de educação de massa está sendo visado quando o popular é não somente ignorado mas positivamente desvalorizado? É aconselhável analisar o que se pratica em sala de aula sem levar em consideração esta previa batalha crítica sobre definição e construção do currículo? Quando a investigação se limita à realização imediata do conhecimento sobre matéria escolar, existe grave perigo de se perpetrar uma miopia, que prejudicando a visão dos alunos sobre a sala de aula, inevitavelmente obscurece e mistifica um componente fundamental na complexidade da vida em sala de aula. (GOODSON, 1995, p.25).

Considero emblemática a passagem que Goodson (1995) comenta sobre o currículo denominado “Ciências de coisas comuns”. O currículo limitava-se às escolas elementares nas quais predominava uma população escolar da classe operária. Nos relatórios governamentais comentava-se que a ciência de coisas comuns dava bons resultados. Entretanto, outras definições entendimentos de ciência escolar estavam sendo defendidos por interesses das classes mais abastadas. Esta posição pode ser percebida no relatório do Lord Wrottesley que presidia a comissão parlamentar da Associação Britânica para o Avanço da Ciência.

[...] mancando, um menino pobre adiantou-se para dar sua resposta. Coxo e corcunda, rosto pálido e macilento, era nítida nele uma história da pobreza, com suas conseqüências [...] Mas ele deu resposta tão lúcida e inteligente, que nas pessoas brotou um duplo sentimento de admiração, face aos talentos do menino; vexame, porque em alguém da mais baixa das classes inferiores fora encontrada, quanto a assuntos de interesse geral, mais informações do que em gente que, socialmente, era de classe superior. (GOODSON, 1995, p. 26).

E concluía, dizendo:

Situação nociva e perversa seria esta de uma sociedade em que as pessoas relativamente desprovidas das benesses da natureza fossem, quanto à capacidade intelectual, geralmente superiores aos que, socialmente, estão acima delas. (GOODSON, 1995, p. 26).

Tal passagem nos ajuda a pensar quais as razões possíveis porque a prática do skate foi inserido no ensino médio e não no fundamental.

Goodson(1995) entende o currículo como um artefato social e cultural. Para compreender o processo de produção do currículo não pode se deter na descrição estática do passado, mas deve tentar explicar como esse determinado artefato veio a se tornar o que é, descrevendo a dinâmica social que moldou essa forma.

O autor percebe que o processo de construção do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos “nobres” e menos “formais”, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero. O currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos. (GOODSON, 1995).

Portanto estou interessado em identificar como o currículo de educação física pensou a prática do skate como um esporte, um lazer ou uma “utilidade” para o mundo do trabalho.

Apple (1989) tem como proposta perceber o esforço por parte do Estado e das empresas para alinhar as escolas com as necessidades econômicas do capitalismo. Eficiência funcional como elemento principal da política educacional.

Na produção capitalista, as empresas compram a força de trabalho. Isto é, elas compram a capacidade que a pessoa tem de realizar trabalho e buscam expandir o trabalho para torná-lo mais produtiva. Quando pensamos esta condição do trabalhador no capitalismo neo-liberal combinada com as exigências profissionais do campo da Educação entendemos que a eficiência funcional constitui um elemento fundamental da política educacional.

Para conseguir extrair o elemento produtivo do trabalhador, há necessidade de controle sobre essa atividade. O controle do conhecimento permite que a gerência planeje idealmente o que o trabalhador deveria simplesmente executar esses planos de acordo com as especificações e o ritmo estabelecido por pessoas distantes da produção.

O autor (APPLE, 1989) trabalha com a ideia de que os professores são trabalhadores, mas se diferenciam do tipo de trabalhador do setor industrial. As escolas por sua história e

estrutura são diferentes de fábricas e escritórios e os professores são ainda mais diferentes de outros trabalhadores em termos de condição de trabalho.

A escola possui autonomia relativa e resiste à forma e lógica da racionalização capitalista, mas ao mesmo tempo, sofre os impactos políticos pelas ações do processo capitalista que busca o lucro econômico e o controle sobre a atividade dos trabalhadores.

Segundo Apple (1989), isso ocorre através de um processo de controle técnico. Os procedimentos do controle técnico podem ser encontrados no crescimento dos “pacotes didáticos”. Estes são materiais padronizados que incluem relações objetivas, conteúdos curriculares e materiais necessários, especificação das atividades a serem realizados pelos professores e as respostas apropriadas a serem dadas pelos alunos.

Estes pacotes almejam alcançar os objetivos, pois contem orientações sobre os mecanismos para a avaliação.

O uso de pacotes de materiais serve para compreender o processo de desqualificação nas escolas. Com o uso em grande escala de materiais pré-empacotados, o planejamento curricular é separado da execução. O planejamento é realizado ao nível da produção, tanto das regras para o uso do material, quanto do próprio material.

À medida que os procedimentos de controle técnico entram na escola sob o disfarce de sistemas pré-planejados do currículo, ensino e avaliação, os professores, estão sendo desqualificados. Isto é fundamental na análise dos cadernos do Professor e do aluno, constitutivos do Programa São Paulo Faz Escola.

Apple (2006) apresenta a educação intimamente ligada à política e à cultura.

O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula. É resultado da seleção de alguém, de uma visão de grupo, do que seja conhecimento legítimo. É produto de tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo. (APPLE, 2006, p. 59).

O que conta como conhecimento, as formas como está organizado, quem tem autoridade para transmiti-lo, o que se considera com aprendizagem, [...]

estão relacionados à maneira como domínio e subordinação são reproduzidos e alterados na sociedade. Sempre existe, pois, uma política do conhecimento oficial, uma política que exprime o conflito em torno daquilo que alguns veem simplesmente como descrições neutras do mundo e outros, como concepções de elite que privilegiam determinados grupos e marginalizam outros. (APPLE, 2001, p. 71-72).

Para Apple (2001) o currículo pode ser compreendido como um material de disseminação e implementação do conhecimento oficial do Estado. Para o autor, o currículo nacional é um mecanismo de controle político do conhecimento. Uma vez instituído, haverá pouca chance de mudar. Poderá até sofrer alterações em função dos problemas relacionados aos conteúdos, mas o autor comenta sobre a falta de recursos materiais e humanos.

Quando faltam recursos humanos e materiais, um sistema de currículo e avaliações nacionais só pode ratificar e exacerbar as diferenças de sexo, raça e classe social. Assim, em um momento em que a crise fiscal na maioria das áreas urbanas é tão aguda a ponto de as aulas estarem sendo dadas em ginásios de esportes e corredores; em que muitas escolas não dispõem de verbas suficientes nem para se manterem abertas durante os 180 dias letivos; em que algumas cidades, três salas de aula do primeiro grau precisam dividir os mesmos livros – e poderia ainda ampliar esse quadro – é simplesmente uma fantasia supor que sistemas de avaliação mais padronizados e diretrizes para currículos unificados sejam a possível solução. (YOUNG, 2001, p. 81).

Os autores que analisam criticamente a produção, construção e elaboração do material curricular apontam para elementos que se referem ao trabalho do Professor: o controle técnico, a separação entre planejamento e execução do conteúdo. O próximo capítulo analisa a documentação oficial que compõem o Programa São Paulo Faz Escola, a Proposta Curricular de Educação Física do Estado de São Paulo e o currículo de Educação Física para o Ensino Médio, objetivando de compreender como está organizado o currículo escolar sobre a aprendizagem pela noção de habilidades e competências.

CAPÍTULO 2 – O CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

2.1 O Programa São Paulo Faz Escola

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, no ano de 2008, iniciou a implantação da reforma curricular, em vigor até hoje. Esta reforma alcançou todas as unidades de ensino da Rede Pública Estadual de São Paulo, abrangendo os dois ciclos de Ensino: Ensino Fundamental (Ciclo II) e Ensino Médio.

O Programa São Paulo Faz Escola teve como foco unificar o currículo escolar para as unidades escolares que compõem a rede estadual paulista de ensino. Foi responsável pela implantação do Currículo Oficial do Estado de São Paulo.

O documento oficial foi elaborado na gestão do governador do Estado, José Serra, e a Secretária da Educação, Maria Helena Guimarães de Castro. A execução do programa ficou sob responsabilidade de Maria Inês Fini e a Gestão do Programa foi realizada pela Fundação Carlos Alberto Vanzolini, com apoio da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

A reforma curricular compreendeu a elaboração de vários documentos e muito material didático pedagógico. Desde 2008, foram encaminhados para a Rede Estadual de Ensino, os Cadernos do Professor e os Cadernos do Gestor. Os Cadernos do Professor têm o objetivo de orientar como deve ser realizado o trabalho docente e o Caderno do Gestor apoiar e estimular os gestores a implantarem alterações pedagógicas colocadas pela reforma curricular.

Cinto (2012) na sua dissertação, *Corpo, Escola e Processo de Subjetivação: A Educação Física no Programa São Paulo Faz Escola* comenta que:

A concretização do currículo único, do sistema de avaliação externo e do controle do professor é respaldada pelo material recebido pela gestão escolar: Caderno do Gestor. Desse modo, o documento é o responsável pelo controle exercido no ambiente escolar e fora dele. (CINTO, 2012, p. 53).

Para o autor (CINTO, 2012), o professor gestor foi posto como um *agente de controle*. Ele será o responsável pela suposta eficácia do Currículo do Estado de São Paulo.

No ano de 2009, foram distribuídos o Caderno do Aluno para os estudantes da Rede Pública de Ensino, contendo as temáticas e atividades, através das quais o alunado desenvolveriam as habilidades e competências sugeridas pela reforma curricular. Tanto o Caderno do Professor, como o Caderno do Aluno, foram organizados por bimestre e por disciplinas, seja para o ensino fundamental como para o médio.

Sobre os conteúdos e métodos o Caderno do Professor caracteriza-se por fornecer orientações ao trabalho docente para a gestão da aprendizagem. “Cada atividade ou proposta de aula é acompanhada por um conjunto de itens que seguido passo a passo corresponde a um tema do conteúdo proposto. No material do professor esse conjunto de itens recebe o nome de “Situação de Aprendizagem”. (BOIM, 2010, p.53).

Na sua intenção centralizadora, o Governo do Estado de São Paulo planejou o Programa São Paulo Faz Escola em articulação com outras medidas administrativas, como a avaliação dos resultados obtidos pelos alunos da rede estadual. Tal avaliação compreendia provas individuais dos alunos, baseadas nos conteúdos presentes nos cadernos, podendo gerar bonificação tanto aos professores quanto às escolas que melhoraram seus resultados.

Assim podemos compreender o controle do currículo sobre o que é ensinado, no caso paulista ainda mais expressivo por causa das constantes avaliações a que estão sujeitos professores e alunos.

Os resultados dessas avaliações vinculam-se diretamente à política salarial. O exame mais importante no estado de São Paulo é o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), que classifica as escolas num ranking oficial do Estado. A boa classificação da unidade escolar no exame, na própria voz do governador do Estado na época, José Serra, deu direito a bônus em dinheiro aos professores e escolas.

Criado sob a supervisão, idealização e responsabilidade da SEE-SP, os cadernos produzidos para a implantação da proposta curricular foram elaborados por profissionais ligados às universidades estaduais, convidados pela Fundação Carlos Alberto Vanzolini (FCAV). A FCAV atua na área de gestão de tecnologias aplicadas à Educação; desenvolve e gerencia soluções inovadoras de alto desempenho.

Seu portfólio inclui o setor público, com destaque para os sistemas públicos de Educação do Estado de São Paulo, o mundo empresarial e o terceiro setor. As soluções desenvolvidas para cada um demandam e combinam singularmente competências em gestão de tecnologias da informação e comunicação e em gerenciamento de projetos e de operações. Muitos de seus projetos, desenvolvidos ao longo dos seis anos de atuação na área, foram reconhecidos com prêmios expressivos.

A parceria entre FCAV, entidade sem fins lucrativos, e o estado de São Paulo pode ser entendida de diferentes maneiras. Do ponto-de-vista neoliberal, é considerada uma alternativa para a prestação de serviços públicos sob responsabilidade do Estado. Para alguns autores de esquerda, a parceria é vista como uma estratégia de terceirização por parte do Estado, ONGs e entidades consideram a parceria algo nocivo, que pode afetar sua capacidade de crítica, cobrança e controle em relação ao Estado.

Quando o Estado, em vez de encontrar mecanismos e buscar a canalização de recursos para a rede pública começa a dispersá-los por diversas fontes, por meio de isenção fiscal, é claro que está havendo uma sangria de recursos públicos para o setor privado. (BOIM, 2010, p. 48-49).

No caderno do professor:

São apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. Esses conteúdos, habilidades e competências são organizados por série e acompanhados de orientações para a gestão da sala de aula, para a avaliação e a recuperação, bem como de sugestões de métodos e estratégias de trabalho nas aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclasse e estudos interdisciplinares. (SÃO PAULO, 2008, p. 09).

Segundo Catanzaro (2012) a forma do Caderno é diferenciada das apostilas didáticas utilizadas por outros sistemas de ensino. É possível identificar uma fala direcionada ao docente com orientações precisas de como ele deve lidar com cada um de seus aspectos, seja apresentado, discutindo ou avaliando uma atividade. “Ou seja, o material contém as orientações sobre como ser professor e informações de como organizar seu fazer pedagógico”. (CATANZARO, 2012, p. 41).

Comenta também outro aspecto presente nos cadernos. A frequência dos vocativos relativos ao professor em todos os cadernos das diversas disciplinas. O material:

[...] mantém um diálogo mimetizado constante com quem deve executá-lo causando a impressão de proximidade, pessoalidade e coleguismo entre quem o planejou e o docente, procurando diminuir, quem sabe, a distância real e a falta de identificação dos professores com o material. Os termos prescritivos sobre os comportamentos a serem seguidos durante as aulas também não carregam um peso autoritário mas sugestivo, o que aumenta essa impressão. (CATANZARO, 2012, p. 86).

Para o autor,

[...] ao mesmo tempo em que serve de referência, sugestão e apoio ao docente, já organizando seqüências de temas, a quantidade de aulas, oferecendo materiais para os exercícios e textos que os alunos devem ter para trabalhar os conteúdos, o mesmo material também é parte de um sistema que tem como principal elemento constranger o trabalho do professor com suas orientações e prescrições.(CATANZARO, 2012, p. 85).

A dissertação “O que e como ensinar: Proposta Curricular, Materiais Didáticos e Prática do Ensino nas Escolas Públicas Estaduais em São Paulo (2008-2009)” de autoria de Thiago Boim(2010) têm como objetivo responder as seguintes questões: de que modo foi recebido pelo professorado os materiais didáticos? Qual lugar ocupa o livro didático na sala de aula e será que o professor é apenas um executor deste programa? O autor entrevistou professores de História para compreender de forma crítica como foi realizada a implantação do Programa São Paulo Faz Escola.

Destaco dois aspectos da pesquisa de Boim (2010): a autonomia do professor e da instituição escolar; e a base comum de conhecimentos e competências a serem desenvolvidas. Destaca o autor que um dos dispostos da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 é a autonomia assegurada às instituições de ensino e aos professores na elaboração de planos e ações pedagógicas. A lei associa à construção do currículo a participação e autonomia do professor em atuar de acordo com o projeto político pedagógico da escola. Dá-se aos professores e às escolas autonomia na elaboração e execução do próprio planejamento pedagógico.

Boim (2010), afirma que em sintonia com a LDB, o ensino público paulista privilegiava, até a Proposta Curricular de 2008, por excelência, a autonomia do professor e das escolas, permitindo, por exemplo, que o planejamento pedagógico e a seleção de conteúdo, desde que incorporados às diretrizes gerais da nova LDB e às propostas e sugestões de ações elaboradas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), fossem definidos no seio da própria escola.

Segundo o texto da LDB, têm-se as seguintes diretrizes:

Art. 12º. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:
I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;

[...]

Art. 13º. Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

[...]

Art. 14º - Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola:

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (BRASIL, 1996).

A autonomia do professor e a liberdade de criar o próprio plano pedagógico são marcos legais da LDB. “As consequências desta conquista podem ser dimensionadas pelo PNLD ao permitir ao professor a escolha do próprio material didático. Deste modo, formou-se um sistema em nível nacional que favorece a autonomia do trabalho docente. (BOIM, 2010, p. 19).

A indissociabilidade entre quem pensa e executa o ensino possibilitava que o planejamento escolar em São Paulo superasse os cânones do saber ensinado e valorizasse outros sujeitos, outras questões, outros paradigmas. A diversidade cultural e social da maior rede pública de ensino do país destacava-se nos diferentes trabalhos produzidos por milhares de professores. (BOIM, 2010, p. 19).

Há dois comentários que gostaria de fazer. Na carta da apresentação da proposta, a então secretaria da educação afirma:

A criação da Lei de Diretrizes de Bases (LDB) que deu autonomia às escolas para que definissem seus próprios projetos pedagógicos, foi um passo importante. Ao longo do tempo, porém, esta tática descentralizada mostrou-se ineficiente. (SÃO PAULO, 2008, p. 06).

A secretaria, entretanto, não apresenta os motivos da ineficiência, lembrando que defendia a autonomia das escolas antes de ocupar o cargo de secretária da educação do estado de São Paulo.

Por outro lado, há uma preocupação por parte dos elaboradores da proposta em enfatizar o processo democrático na elaboração da proposta, articulando conhecimento e herança pedagógica com experiências escolares de sucesso. Esclarecem que em 2007, durante curto período, foi dada a oportunidade aos docentes e gestores compartilharem com a

Secretaria da Educação de São Paulo, suas experiências por meio do site do São Paulo Faz Escola. Entretanto, não apresentam o número de experiências registradas o que impossibilita identificar o percentual das experiências apresentadas.

Outro destaque é o dever de garantir uma base comum de conhecimentos e competências. A proposta apresenta os princípios orientadores pelos quais uma escola seja capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo. (BOIM, 2010, p.24).

Na apresentação da proposta afirma-se que:

Este documento básico apresenta os princípios orientadores para uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo. O documento aborda algumas das principais características da **sociedade do conhecimento** e das pressões que a contemporaneidade exerce sobre os jovens cidadãos, propondo princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as escolas possam se tornar aptas a preparar os alunos para esse novo tempo. (grifo do autor – SÃO PAULO, 2008, p. 08).

A proposta considera que agir com autonomia e incorporar a diversidade são pilares para a construção de valores tais como a responsabilidade:

[...]relevância e a pertinências das aprendizagens escolares nessas instituições são decisivas para que o acesso a elas proporcione uma oportunidade real de aprendizagem para inserção no mundo de modo produtivo e solidário. Outro fenômeno relevante diz respeito à precariedade da adolescência, ao mesmo tempo em que o ingresso no trabalho se torna cada vez mais tardio. Tais fenômenos ampliam o tempo e a importância da permanência na escola, tornando lugar privilegiado para o desenvolvimento do pensamento autônomo, que é condição para uma cidadania responsável. Ser estudante nesse mundo que expõe o jovem desde muito cedo às práticas da vida adulta - e, ao mesmo tempo, posterga a sua inserção profissional -, é fazer da experiência escolar uma oportunidade para aprender a ser livre e ao mesmo tempo respeitar as diferenças e as regras de convivência. Hoje, mais do que nunca, aprender na escola é o 'ofício de aluno', a partir do qual ele vai fazer o trânsito para a autonomia da vida adulta e profissional. (SÃO PAULO, 2008, p. 10).

Estas colocações nos ajudarão a entender as especificidades da reforma da disciplina educação física, nosso objeto de pesquisa.

Boim(2010) apresenta como os setores sindicais receberam esta nova proposta pedagógica.

É duramente criticada pelas entidades representativas dos professores, e muitos questionam o funcionamento da página virtual. Os sindicatos posicionam-se contra tal participação, alegando que todo o projeto chegou pronto e acabado nas escolas, e ao professor restou apenas a execução do “projeto de melhoria” da educação pública paulista.(BOIM, 2010, p. 48).

Ocorreu ponto crítico detectado por Boim (2010). Os cadernos do Professor foram e são alvos de muitas críticas à atual gestão do governo de São Paulo. De um lado, estão os sindicatos dos professores opondo-se às mudanças anunciadas para a Educação, que separam o professor do próprio trabalho e ainda o avalia, associando o resultado dessa avaliação a melhorias salariais. De outro, a imprensa denuncia os erros nas “apostilas” desses materiais didáticos e o montante gasto com o projeto, fatores que colocam em dúvida os avanços previstos pela proposta curricular para a Educação.

Para Boim(2010) “O fato é que o Caderno do Professor, seja pela novidade ou pelo controle, ocupou durante todo o ano letivo de 2008, ao lado de campanhas salariais, o centro das discussões entre professores e a SEE-SP”. (p. 53).

Inevitavelmente, as tensões geradas entre os dois lados refletiram-se nas versões atualizadas dos materiais didáticos para o ano letivo de 2009 e na saída da então secretária da Educação do Estado, Maria Helena Guimarães Castro, substituída pelo ex-ministro da Educação na gestão Fernando Henrique Cardoso, o economista e deputado federal pelo Partido da Social Democracia Brasileira, Paulo Renato de Souza.

Por mais que nas diretrizes curriculares o professor apareça dissociado da obrigação de usar o referido material, as prerrogativas do novo currículo exigem que o docente explore situações de aprendizagens do Caderno do Professor para alcançar as metas definidas pela proposta curricular paulista. Atingi-las significa preparar os alunos para as avaliações nacionais e com isso garantir melhores salários, já que os bons resultados garantem legalmente bônus salariais aos docentes das escolas bem avaliadas nos exame provido pela SEE-SP.

Ao propor um caminho para a execução de atividades e aulas, os Cadernos do Professor são uma barreira à autonomia do trabalho docente em sala de aula. Por mais que se rejeite o método de ensino dos materiais didáticos do Projeto São Paulo faz Escola, o professor se vê diante do desafio de cumprir

todos os prazos previstos pela SEE-SP. (BOIM, 2010, p. 62-63).

A rede pública de ensino do Estado de São Paulo não tem uma única realidade. São muito diferentes as situações enfrentadas pelas suas escolas.

Propor um único material didático e exigir que o professor uniformize o sistema educacional da rede em ritmo pré-determinado, independentemente das condições que venha a enfrentar, é no mínimo desrespeitoso com a diversidade do corpo docente, os alunos, das comunidades e culturas que cercam o ensino público paulista, um ônus salarial ao professor, como reconhecimento de seu desempenho, depende dessa tarefa. (BOIM, 2010, p. 64).

Posição com a qual estou plenamente de acordo.

2.2 A proposta curricular de Educação Física do Estado de São Paulo

Como colocamos, o currículo oficial do Estado de São visa garantir uma base comum de conhecimentos e competências para os professores e alunos da Rede Estadual. E quais seriam estes conhecimentos e competências na proposta de Educação Física para Ensino Fundamental (Ciclo II) e Ensino Médio? E como eles estão organizados e descritos na proposta?

A Educação Física está inserida na área de “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. Este grupo compreende as seguintes disciplinas: Arte, Educação Física, LEM – Inglês e Língua Portuguesa. O responsável pela Coordenação de Área para o Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores foi Alice Vieira.

Cada área apresenta os autores e autoras que redigiram o documento para cada disciplina. Na área da Educação Física os autores responsáveis pela elaboração da Proposta Curricular foram: Adalberto dos Santos Souza, Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches Neto, Mauro Betti e Sérgio Roberto Silveira.

Baseado no currículo Lattes do CNPq, acesso em outubro/novembro de 2019, transcrevo informações sobre as trajetórias acadêmicas, participações em grupos de pesquisa e na formulação de projetos para políticas públicas dos autores da proposta de educação física para o estado de São Paulo:

- *Adalberto dos Santos Souza*: graduado em Educação Física pela Faculdade do Clube Náutico Mogiano e, Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Osasco. Mestrado e Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-doutorado em Ciências do Movimento Humano na Universidade Metodista de Piracicaba.

Possui experiência nas áreas de Educação e Educação Física Escolar. Atualmente (2019) é professor Associado I na Universidade Federal de São Paulo, no departamento de Educação-Campus Guarulhos, atuando na área de Residência Pedagógica, Práticas Pedagógicas Programadas e Cultura Corporal na Escola. É membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).
- *Jocimar Daolio*: Graduado em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1978), e em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1983). Mestrado em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1992) e doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (1997).

É professor titular da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física escolar, cultura, corpo. Aposentado em 02/04/2019.
- *Luciana Venâncio*: Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista/Unesp-Rio Claro, especialista em Educação Física Escolar/FEF-Unicamp, Mestre em Educação Física Escolar/Unesp -Rio Claro, Doutora em Educação pela Unesp-Presidente Prudente. Foi bolsista de Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (2010-2014). Atualmente (2019) é professora Adjunta Classe A na Universidade Federal do Ceará, no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFEs) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Acadêmico) em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal. Coordenadora do Programa de Residência Pedagógica do Projeto Educação Física, realizou Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal de

Sergipe (UFS) sob a supervisão do Prof. Dr. Bernard Charlot. Foi professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Acadêmico) em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid). Foi professora efetiva de Educação Física na Rede de Educação Básica do Município de São Paulo (1998-2016).

É membro do International Study Association on Teachers and Teaching (ISATT), da Rede de Pesquisa sobre a Relação com o Saber (REPERES), e do grupo autônomo de professores-pesquisadores em Educação Física Escolar.

- *Luiz Sanches Neto*: Bacharel (1994-98) e Licenciado em Educação Física (1997-99) pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre (2000-3) e Doutor em Pedagogia da Motricidade Humana (2011-14) com Pós-Doutorado em Educação (2015-16) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Atualmente, (2019) é Professor adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFEs). Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Estudante pesquisador visitante na Université de Montréal, Québec, Canadá (2013-14) com projeto financiado pela FAPESP. Membro do grupo autônomo de Professores(as) Pesquisadores(as) de Educação Física Escolar, NEPEF-FPCT (Unesp) [Antena CRIFPE-Brasil] e outros grupos internacionais de pesquisa, e responsável pelas relações internacionais da Revista Brasileira de Educação Física Escolar.

Trabalhou em universidades na região metropolitana, interior e litoral de São Paulo (2001-16), em escola da rede pública municipal (2002-7) .

- *Mauro Betti*: Possui graduação em Licenciatura e Mestrado em Educação Física pela USP, Doutorado em Educação pela UNICAMP, Livre-Docência pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Foi Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da UNESP, campus de Bauru, e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente.

Foi assessor dos PCNs (5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental), e da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina Educação Física, e do Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do PNUD/ONU. Entre 1980 e 1985 foi professor de ensino de 1º grau da Prefeitura de São Paulo.

- *Sérgio Roberto Vieira*: Possui Licenciatura em Educação Física pela EEFUSP; Mestrado em Educação pela FEUSP; Doutorado em Educação Física Escolar pela EEFUSP; Pós-Doutorado em Educação Física Escolar pela EEFUSP; Pós-Doutorado em Currículos e Programas no Instituto Arte da UNESP. Foi membro da equipe curricular de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e Pesquisador Sênior Bolsista da Universidade de Brasília (UnB) junto ao Ministério da Educação. Atualmente é Professor Assistente junto ao Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

O sumário da Proposta Curricular traz informações, conceitos e dados da “A área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias”, “A Matemática e as áreas de conhecimento”, “A área de Ciências Humanas e suas Tecnologias” e a “Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Educação Física”. (SÃO PAULO, 2008).

Selecionei algumas informações, pois sua descrição permite compreender como o Programa São Paulo Faz Escola, implementa e se efetiva na realidade escolar. Auxilia também compreender como está organizado o currículo oficial para refletir como o skate é apresentado através do currículo oficial do Estado.

A Secretaria de Educação de São Paulo tem, com a proposta curricular, o objetivo de garantir a todos da rede estadual de ensino uma base comum de conhecimentos e competências visando que as escolas trabalhem como uma rede articulada, e “capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo”. (SÃO PAULO, 2008, p. 8).

O documento “As orientações para a Gestão do Currículo na Escola” é dirigido às unidades escolares, e aos gestores que “lideram e apoiam” a implementação da reforma:

diretores, assistentes técnico pedagógicos, professores coordenadores e supervisores. Este documento também reforça e propõe orientações para a educação continuada dos professores.

A proposta de educação física é apresentada em dois tópicos: “Uma educação à altura dos desafios contemporâneos” e “Princípios para um currículo comprometido com o seu tempo”. São seis os princípios elencados: uma escola que também aprende, o currículo como espaço de cultura, as competências como referência, prioridade para a competência da leitura e da escrita, articulação das competências para aprender e articulação com o mundo do trabalho. (SÃO PAULO, 2008, p. 09; 12).

Os princípios colaboram para compreender como o currículo oficial está planejado e organizado. Estes princípios orientadores estão presentes na situação de aprendizagem que aborda os esportes radicais no currículo oficial do Estado para o Ensino Médio. No terceiro capítulo pretendo mostrar a relação destes princípios orientadores com os conteúdos da situação de aprendizagem “A invenção da roda e a criatividade sobre rodas”.

No item “Uma educação à altura dos desafios contemporâneos” descreve a sociedade do século XXI, caracterizada pelo uso intensivo do conhecimento para trabalhar, conviver ou exercer a cidadania. Afirma que na sociedade atual é indesejável a exclusão pela falta de acesso a bens materiais como pela falta de acesso ao conhecimento e aos bens culturais. Enfatiza que “em um mundo no qual o conhecimento é usado de forma intensiva, o diferencial será marcado pela qualidade da educação recebida” (SÃO PAULO, 2008, p. 10).

O currículo escolar é considerado a expressão do que existe na cultura científica artística e humanística transposta para uma situação de aprendizagem ensino. Todas as atividades da escola são curriculares, caso contrário, não são justificáveis no contexto escolar.

A cidadania cultural é uma das prioridades do projeto pedagógico. O currículo é a referência para ampliar, localizar e contextualizar os conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo do tempo. O fato de uma informação ou conhecimento emergir de um ou de mais contextos distintos na grande rede de informação não será obstáculo à prática cultural resultante da mobilização desses saberes nas ciências, nas artes e nas humanidades. (SÃO PAULO, 2008, p. 13).

Na seção “As competências como referência”, afirma que o “currículo que promove competências tem o compromisso de articular as disciplinas e as atividades escolares com aquilo que se espera que os alunos aprendam ao longo dos anos” (SÃO PAULO, 2008, p. 08). Estabelece que a atuação do professor, os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, as metodologias a serem adotadas e as expectativas de aprendizagem dos alunos são aspectos indissociáveis, complementarem de modo a proporcionar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências que esses contarão para realizar a leitura crítica do mundo, questionando-o para melhor compreendê-lo. (SÃO PAULO, 2008, p. 14).

O currículo se compromete em formar crianças e jovens para que se tornem adultos preparados para exercer suas responsabilidades com autonomia, no trabalho, na família e na sociedade em que vivem.

Competências são entendidas como modos de ser, de raciocinar, de interagir, que podem ser apreendidos das ações e das tomadas de decisão em contextos de problemas, tarefas ou atividades. É através delas que se pode inferir se a escola está cumprindo o papel que dela se espera. (SÃO PAULO, 2008, p. 14).

O conceito de competências estão presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério da Educação. O currículo referenciado em competências é uma concepção que requer que a escola e o plano do professor indiquem o que o aluno vai aprender.

Pensar o currículo é viver uma transição. “A transição da cultura do ensino para a da aprendizagem não é um processo individual. A escola deve fazê-lo coletivamente tendo à frente seus gestores, que devem capacitar os professores”. (SÃO PAULO, 2008, p. 10).

O Currículo proposto tem por eixo, a competência geral da leitura e a produção textos, ou seja, o conjunto de competências e habilidades específicas de compreensão e de reflexão crítica intrinsecamente associado ao trato com o texto escrito. Adota como competências para aprender aquelas que foram formuladas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). (SÃO PAULO, 2008, p. 19).

Enfim, a proposta é norteada pela noção de currículo como espaço de cultura, o qual

estabelece que informações ou conhecimentos emergidos de um ou mais contextos distintos podem ser transpostos para uma situação de ensino e aprendizagem, ou seja, o currículo exprime o que existe na cultura científica, artística e humanista.

Indica que é necessário um trabalho de contextualização ao mundo do trabalho, o qual estabelece que o aluno deva desenvolver competências para que possa avaliar a importância de determinada área ou disciplina em sua vida e em seu trabalho.

2.3 O currículo de Educação Física para o Ensino Médio

A atual pesquisa, como vimos, parte da seguinte pergunta: como uma atividade que possui uma relação com a contracultura e contestação de regras e normas sociais se torna uma atividade pedagógica realizada em escolas públicas da rede estadual de ensino?

Seguem outros questionamentos: quais são os conteúdos, as atividades e exercícios propostos pela proposta curricular do terceiro ano do Ensino médio? Quais os elementos pedagógicos presentes na prática do skate? Como o Estado propõe que ocorra uma aula de skate na escola pública? Quais suas possibilidades e limites no cotidiano escolar? Quais as estratégias culturais e políticas que viabilizam a relação entre skate e educação?

A Proposta Curricular do Estado de São Paulo na área da Educação Física traz elemento importante para compreender como está organizado o conhecimento escolar que deve ser transmitido aos alunos.

É possível encontrar uma justificativa cultural para que a prática do skate esteja inserida no conteúdo programático de Educação Física do Terceiro Ano do Ensino Médio. Comenta que os adolescentes e jovens revelam afinidades com certas manifestações da cultura de movimento (hip-hop, capoeira, artes marciais, skate, musculação) a depender de suas vinculações socioeconômicas e culturais. Mas o que é cultura de movimento? Como é conceitualizada na Proposta Curricular?

Cultura de movimento pode ser entendida pelo currículo oficial, como a ascensão da cultura corporal e esportiva nos meios de comunicação de massa e na economia mundial. Segundo o texto,

[...] o enfoque cultural ganhou relevância na Educação Física por levar em conta as diferenças manifestas pelos alunos em variados contextos e por pregar a pluralidade de ações, sugerindo a relativização da noção de desenvolvimento dos mesmos conteúdos da mesma forma. [...] O que dá sentido ao movimentar-se humano é o contexto onde ele ocorre, bem como as intencionalidades dos sujeitos envolvidos na ação. Desvinculado desses aspectos, o movimento tende a ser analisado somente como expressão biológica, como ação mecânica, portanto, muito semelhante em qualquer lugar, em qualquer época e para qualquer sujeito. (SÃO PAULO, 2008, p. 42).

O currículo do Estado de São Paulo entende que a Educação Física escolar deve tratar pedagogicamente de conteúdos culturais relacionados aos aspectos corporais. Assim, o que vai definir se determinada manifestação corporal é digna de trato pedagógico pela área da Educação Física é a própria consideração e análise dessa expressão em uma dinâmica cultural específica.

No ensino de Educação Física escolar, pode-se partir do variado repertório de conhecimentos que os alunos já possuem sobre diferentes manifestações corporais e o movimento e, buscar ampliá-lo, aprofundá-lo e qualificá-lo criticamente.

Também existe uma expectativa na relação entre o aluno e o conteúdo da aprendizagem.

Desse modo, espera-se levar o aluno, ao longo da sua escolarização e após, a melhores oportunidades de participação e usufruto do jogo, do esporte, da ginástica, da luta e das atividades rítmicas, assim como as possibilidades concretas de intervenção e transformação deste patrimônio humano relacionado à dimensão corporal e ao movimentar-se – que tem sido denominado “cultura de movimento”. (SÃO PAULO, 2008, p. 42).

O texto apresenta a definição do termo “se-movimentar”,

Para destacar que se trata de sujeitos que se movimentam em contextos concretos, com significações e intencionalidades. O “se”, propositadamente colocado antes do verbo, enfatiza o fato de que o sujeito (aluno) é autor dos próprios movimentos, que estão carregados de suas emoções, desejos e possibilidades, não resultando apenas de referências externas, como as técnicas esportivas, por exemplo. Estamos nos referindo ao movimento próprio de cada aluno. Por isso, um aluno, pode gostar de movimentar-se em certo contexto, mas não em outro, embora os movimentos e gestos possam ser os mesmos. (SÃO PAULO, 2008, p. 42-43).

A continuam:

[...] a expressão individual e/ou grupal no âmbito de uma cultura de movimento; é a relação que o sujeito estabelece com essa cultura a partir de seu repertório (informações, conhecimentos, movimentos, condutas) de sua história de vida, de suas vinculações socioculturais e de seus desejos. (SÃO PAULO, 2008, p. 43).

Apresenta qual é o objetivo da educação escolarizada: “ aumentar o repertório dos alunos, influir em suas vidas, mobilizar seus desejos e potencialidades, possibilitando a tomada de consciência de suas vinculações socioculturais.” (SÃO PAULO, 2008, p. 43).

O texto curricular conclui que o que deveria ser aprendido e apreendido por parte dos alunos/as da Educação Física, são as manifestações, significados, sentidos, fundamentos e critérios da cultura de movimento de nossos dias – ou seja, sua apropriação crítica. (SÃO PAULO, 2008).

Por cultura de movimento entende-se o conjunto de significados, sentidos, símbolos e códigos que se produzem e reproduzem dinamicamente nos jogos, nos esportes, nas danças e atividades rítmicas, nas lutas, nas ginásticas etc. os quais influenciam, delimitam, dinamizam e/ou constroem o se-movimentar dos sujeitos, base de nosso diálogo expressivo com o mundo e com os outros. (SÃO PAULO, 2008, p. 43).

Espera-se que o objetivo da Educação Física pode torna-se relevante para os alunos, não apenas durante o tempo e espaço da escolarização, mas também auxiliando a compreender o mundo de forma mais crítica. Essa visão crítica possibilita intervir nesse mundo e em suas próprias vidas com mais recursos e de forma mais autônoma.

Os objetivos da disciplina Educação Física no Ensino Médio é possibilitar

[...] a compreensão do jogo, do esporte, da ginástica, da luta e da atividade rítmica com fenômenos socioculturais, em sintonia com os temas do nosso tempo e das vidas dos alunos, ampliando os conhecimentos no âmbito da cultura de movimento; e a ampliação das possibilidades de se-movimentar e dos significados/sentidos das experiências de se-movimentar no jogo, no esporte, na ginástica, na luta e na atividade rítmica, rumo à construção de uma autonomia crítica e autocrítica. (SÃO PAULO, 2008, p. 46).

São cinco os eixos de conteúdos que devem ser trabalhados pela Educação Física no

Ensino Médio: jogo, esporte, ginástica, luta, atividade rítmica. Estes se cruzam com os eixos temáticos atuais e relevantes na sociedade atual. A justificativa para trabalhar com grandes eixos de conteúdo é apresentada da seguinte forma:

Pelo contrário, defendemos que a Educação Física escolar deva trabalhar com grandes eixos de conteúdo, resumidos e expressos no jogo, esporte, ginástica, luta e atividade rítmica. A própria tradição da Educação Física mostra a presença destes conteúdos – ou, pelo menos, de parte deles – em todos os programas escolares, e esse fato não pode ser explicado por mera convenção ou justificado por necessidades orgânicas do ser humano. (SÃO PAULO, 2008, p. 43).

O primeiro eixo temático é *Corpo, Saúde e Beleza*. Comenta o texto, as doenças relacionadas ao sedentarismo (hipertensão, diabetes, obesidade, etc.) e de outro lado, o insistente chamamento para determinados padrões de beleza corporal, em associação com produtos e práticas alimentares e de exercício físico. O objetivo é colocar os jovens na linha de frente dos cuidados com o corpo e a saúde.

O segundo eixo é *Contemporaneidade*. O mundo e a época em que vivemos caracterizam-se por grandes transformações, das quais o aumento do fluxo de informações é uma das mais impactantes, o que influencia os conceitos e as relações que as pessoas mantêm com seus corpos e com as outras pessoas, provocando, reações preconceituosas em relação a diferenças de sexo, etnia, características físicas, entre outras.

O terceiro eixo temático desenvolvido é *Mídias*. Televisão, rádio, jornais, revistas e sites influenciam o modo como os alunos percebem, valorizam e constroem suas experiências de Se-movimentar no jogo, no esporte, na ginástica, na luta e na atividade rítmica, muitas vezes atendendo a modelos que ligados a interesses mercadológicos e que precisam ser submetidos à análise crítica.

O quarto eixo temático é *Lazer e Trabalho*. Afirma a proposta que os conteúdos da Educação Física devem ser incorporados pelos alunos como possibilidades de lazer em seu tempo escolar e posterior a ele, “de modo autônomo e crítico”. Além disso, “a Educação Física deve propiciar a compreensão da importância do controle sobre o próprio esforço físico e o direito ao repouso e ao lazer no mundo do trabalho”. (SÃO PAULO, 2008, p. 47).

Segundo a Proposta Curricular os eixos temáticos permitem tratar os seguintes temas: preconceito racial nos esportes, discriminação contra portadores de deficiência em atividades esportivas, o papel das mídias na construção de padrões de beleza corporal, os vários significados atribuídos ao corpo, às relações entre exercício físico e saúde, o lazer na vida cotidiana e muito outras (SÃO PAULO, 2008). É possível ampliar estas temáticas como, por exemplo, falar sobre a participação e presença de mulheres e LGBT's na prática do skate. A rede de inter-relações construídas possibilitava a pluralidade e a simultaneidade no desenvolvimento dos conteúdos.

O compromisso do Currículo que tem habilidades e competências como referência é articular as disciplinas e atividades escolares com aquilo que se espera que os alunos aprendam no seu processo escolar e para além dele. O desafio é promover o conhecimento próprio do componente curricular articulados às competências e habilidades do aluno.

São as seguintes as expectativas interdisciplinares esperadas no ensino da Educação Física no ensino médio: assumir na escola um importante papel em relação à dimensão do Se-Movimentar humano, relacionando-se ativamente com outros componentes curriculares e influenciando decisivamente na vida dos alunos.

O texto comenta sobre os subsídios para implantação do currículo proposto pelo Governo do Estado de São Paulo. A proposta curricular considera a quadra como o espaço tradicional para que ocorra uma aula de Educação Física. Mas algumas situações de aprendizagem sugeridas podem ser desenvolvidas no espaço de sala de aula, no pátio externo, na biblioteca, na sala de informática ou sala de vídeo, ou em espaços na comunidade local, desde que compatíveis com as atividades programadas. Também algumas etapas podem ser realizadas pelos alunos como atividade extra-aula (pesquisa, produção de textos).

A Proposta Curricular apresenta a organização das grades curriculares das séries e anos divididos por bimestres. Os conteúdos são organizados e associados a habilidades. O texto apresenta, inclusive, um quadro de conteúdos por série e ano para as três séries organizadas em torno dos eixos de conteúdo e dos eixos temáticos.

A prática do skate aparece no currículo escolar da Rede Pública Estadual de Ensino com o seguinte título “Esportes radicais: criatividade sobre rodas”. Mas qual o sentido do

skate estar presente no material didático dos professores da Rede Estadual de São Paulo? E qual o significado político do material didático ofertado aos professores?

Vemos no Quadro 1 a seguir, que no segundo bimestre no item, *Contemporaneidade*, o trabalho com o skate será desenvolvido nos dois últimos tópicos: Esporte e cultura de movimento na contemporaneidade e Esportes Radicais.

Quadro 1 – Proposta para a terceira série, 1º e 2º bimestres

Educação Física

Proposta Curricular do Estado de São Paulo

3ª Série	
1º Bimestre	<p>Luta, atividade rítmica, ginástica e esporte</p> <ul style="list-style-type: none"> • Modalidade de luta já conhecida dos alunos: capoeira, karatê, judô, <i>taekwondo</i>, boxe ou outra – A importância das técnicas e táticas no desempenho esportivo e na apreciação do espetáculo esportivo • O ritmo no esporte, na luta, na ginástica e na dança – Ritmo vital – O ritmo como organização expressiva do movimento – Tempo e acento rítmico <p>Corpo, saúde e beleza</p> <ul style="list-style-type: none"> • Princípios do treinamento físico: individualidade biológica, sobrecarga (frequência, intensidade e duração/volume) e reversibilidade <p>Contemporaneidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Corpo na contemporaneidade – Corpo, cultura de movimento, diferença e preconceito
2º Bimestre	<p>Atividade rítmica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manifestações rítmicas ligadas à cultura jovem: <i>hip-hop</i>, <i>street-dance</i> e/ou outras – Diferentes estilos como expressão sociocultural – Principais passos/movimentos – Coreografias <p>Corpo, saúde e beleza</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saúde e trabalho – Ginástica laboral: benefícios e controvérsias – Fatores de adesão e permanência na atividade física/exercício físico e na prática esportiva <p>Contemporaneidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Corpo na contemporaneidade – Corpo, cultura de movimento, diferença e preconceito – Esporte e cultura de movimento na contemporaneidade – Esportes radicais

58

Fonte: São Paulo (2008, p. 58).

O texto “Análises dos Cadernos do Professor e do Aluno do São Paulo Faz Escola da disciplina de Sociologia no Ensino Médio: Contradições e Apontamentos” de Ribeiro (2015) têm como objetivo discutir a política pública educacional do Estado de São Paulo analisando o material didático elaborado pela Secretaria de Estado da Educação.

A leitura do documento oficial sobre a Proposta Curricular permitiu compreender que a mesma tem a preocupação em explorar as habilidades e competências referentes à leitura, interpretação e escrita. São aspectos importantes da aprendizagem, mas a prática do skate não se resume somente a estes aspectos.

O skate possui um potencial pedagógico que permite ligações interdisciplinares com diversas disciplinas e constitui uma das atividades esportivas de grande apelo junto à comunidade de estudantes na escola.

O skate é uma atividade criativa que trabalha com a imaginação, a persistência e com outra forma de olhar o ambiente ao seu redor redefinindo a forma de estar presente neste mundo. A proposta de educação física parece eliminar este potencial criativo e transformador da prática do skate, até mesmo porque, segundo as orientações, a aula de skate só vai ocorrer no espaço escolar caso os alunos, após negociação com a coordenação, tragam os skates para a aula de Educação Física.

Outra questão fundamental relacionada a prática educativa do skate diz respeito à especificidade de cada escola, ou seja, a sua cultura escolar. A emergência do debate sobre cultura escolar tem ligação com a crescente preocupação com o conceito da cultura, disseminada inicialmente no seio de uma intelectualidade marxista, que cada vez mais se interrogava sobre as práticas culturais como constitutivas da sociedade e não somente como produtos das relações socioeconômicas.

A problemática ampliava-se pelos vários campos de conhecimento, sensibilizando linguistas, filósofos, historiadores e sociólogos e abarcando diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Foi apropriada pelo campo educacional também de maneira variada, levando os educadores a reconhecer a existência de uma cultura escolar que demandava investigação.

O artigo do historiador Dominique Julia (2001), “A cultura escolar como objeto

histórico”, publicado em 1995 na *Paedagogica Histórica* e traduzido para o português somente em 2001, tem sido insistentemente citado tanto nas investigações estrangeiras quanto nacionais.

Transcrevo sua clássica conceituação de cultura escolar:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização [...]. (JULIA, 2001, p.10-11).

Este conceito é fundamental no entendimento da proposta curricular de educação física e seus desdobramentos nos cadernos do professor e do aluno, quanto a prática do skate no ensino médio.

Enquanto Julia (2001) concebia a existência de duas culturas escolares (primária e secundária), Viñao Frago (2006) estendia o conceito a todos e a cada uma das instituições escolares. Isso permitia atribuir a cada escola, colégio e universidade uma singularidade, o que concorria para ampliar as possibilidades de estudos no campo da história das instituições.

Ao mesmo tempo, impunha um limite à operacionalidade analítica da categoria quando confrontada com a necessidade de abarcar o conjunto das maneiras de escolarização do social na época moderna, como o queria Julia (2001).

Ao lado da insistência no sentido lato de cultura escolar, Viñao Frago (2006) identificava suas continuidades e persistências. Para o autor, cultura escolar é fundamental para entender o relativo fracasso das reformas educativas, a partir do enfrentamento, diferença e divórcio entre as culturas dos reformadores e gestores e a cultura dos professores,

responsáveis pela execução das mesmas.

Dominique Julia (2001) insiste que a cultura escolar “não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas”. (p. 35).

O currículo molda e é moldado pela cultura escolar. É uma relação específica da instituição escolar. De fato, para evitar a ilusão de um total poder da escola, aconselha o autor, voltar-se ao seu funcionamento *interno*, pois por vezes as análises enfatizam os fatores externos na busca das origens e influências.

A história das populações escolares, que emprestou métodos e conceitos da sociologia, interessou-se mais pelos mecanismos de seleção e exclusão social praticados na escola que pelos trabalhos escolares, a partir dos quais se estabeleceu a discriminação. A história das disciplinas escolares, hoje em plena expansão, procura preencher esta lacuna.

Ela tenta identificar, tanto através das práticas de ensino utilizadas na sala de aula como através dos grandes objetivos que presidiram a constituição das disciplinas, o núcleo duro que pode constituir uma história renovada da educação. (JULIA, 2001, p. 12-13).

A evidência de que a escola não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de hábitos nos encaminha na análise da proposta curricular, identificar o significado da inclusão da prática do skate no ensino médio, uma prática associada à contra cultura e ao questionamento de algumas regras sociais.

O currículo escolar compreende conteúdos, práticas, materiais didáticos, mobiliário, espaços edificados e não edificados, arquitetura do prédio, das quadras. A análise deste conjunto permite avaliar a dimensão do skate na cultura escolar. Daí trazer para a discussão alguns elementos das duas unidades escolares em que atuo no ensino médio, como um ponto de minhas observações sobre a temática.

Afirmo, na introdução deste trabalho, que optei realizar a análise da prática do skate na instituição escolar na perspectiva do professor de sociologia do ensino médio da rede de ensino estadual. Entretanto, considerei pertinente, registrar algumas percepções construídas durante minha vivência profissional.

Iniciei minha docência na rede estadual do ensino médio paulista no ano de 2014 como professor de sociologia na Diretoria de Ensino Centro-Sul de São Paulo. A primeira unidade escolar que trabalhei foi a Escola Estadual José Maria Whitaker, localizada no Jardim Santa Cruz, Zona Sul de São Paulo. A escola é vista pelos usuários como uma boa escola da região e no período de 2014-2017, oferecia somente o ensino médio para os três períodos: matutino, vespertino e noturno.

No primeiro semestre de 2014, lecionava no período vespertino e após um ano de atuação, mudei para o período noturno dando aulas para os segundos e terceiros anos do ensino médio. Neste período, também trabalhava como Educador Social em uma Organização Não-Governamental na Oficina de Cultura Urbana, na qual ensinava a prática do skate para crianças e adolescentes na faixa etária de 05 a 15 anos de idade, que traziam seus skates para sala de aula.

Pude observar, que no período que trabalhei na Escola Estadual José Maria Whitaker, as aulas de Educação Física eram prejudicadas por uma questão de falta de reparo e manutenção nas estruturas da quadra esportiva. Isso impossibilitava que as aulas de educação física ocorressem na quadra esportiva. Elas ocorriam no pátio da escola, onde mesas improvisadas viravam mesas para jogar ping-pong. Por outro lado, a maioria dos alunos não traziam os skates para a escola.

Comecei a trabalhar na segunda unidade escolar no ano de 2018, na escola estadual Raul Cardoso Nesta escola, as aulas de Educação Física ocorriam com mais frequência na quadra esportiva, seguindo, geralmente um padrão estabelecido pelo professor: o futebol era reservado aos meninos dentro da quadra e para as meninas no pátio exterior era reservado ao vôlei.

Consegui perceber nestas duas unidades, o grande interesse e vontade dos alunos e alunas em aprender a prática do skate, pois o fato de deslizar sobre o pavimento cria uma sensação de prazer misturada com o medo e os riscos envolvidos nesta modalidade. Mas a prática do skate não ocorria por falta de equipamentos ou por falta de manutenção nos espaços reservados as aulas da Educação Física.

Registrei minhas inquietações: se o professor responsável pelas aulas de Educação

Física seguir as orientações prescritas no currículo, conseguiria uma aprendizagem efetiva da prática do skate ou somente habilidades e competências que deveriam ser cumpridas? Isto porque o skate ao ser incluído na estrutura escolar deve ter um tempo, espaço, condições mínimas para o desenvolvimento dos conteúdos e exercícios que estão registrados no material didático.

As atividades esportivas – cuja percepção mais corrente as associa menos espontaneamente ao “escolar” – não são, apesar disso, desprovidos de propriedades da forma escolar. Além de serem assegurados por especialistas de “educação esportiva”, elas impõem um mínimo de disciplina e regras na aquisição das técnicas (neste aspecto, opõem-se aos jogos livres, às partidas de futebol perto dos prédios onde as crianças moram) e tendem a organizar esta aquisição conforme uma progressão programada sob a forma de sequencias sucessivas que dão lugar a exercícios repetitivos. São ainda caracterizadas pelo fato de que tendem a constituir práticas corporais em práticas “para o corpo”, isto é, não tendo outro fim senão a educação, a formação dos corpos. (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 40).

A passagem de uma *atividade (contra) cultural* para uma *atividade educacional* pressupõe alterações nas suas dinâmicas de funcionamento. Quais são, portanto, os efeitos da institucionalização escolar do skate? Quando o skate é trabalhado como ferramenta pedagógica em escolas, quais são as transformações que essa prática sofre na sua relação com a instituição escolar?

Limites, riscos e desejos são palavras que compõem e constroem o cenário da autonomia dentro da prática do skateboard. As características, princípios e elementos que formam o universo cultural do skateboard é ferramenta pedagógica essencial no processo de formação da criança e adolescente. A relação entre skate e educação passa por novos procedimentos de aprendizagem que nem sempre são os mesmos fundamentos quando se aprende a andar de skate sem a presença de um professor.

CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA DO SKATE: ESTRATÉGIA OU CONTEÚDO?

3.1 O skate no currículo oficial de São Paulo

A Proposta Curricular do Estado de São Paulo na área da Educação Física apresenta o skate somente para o Ensino Médio. Este terceiro capítulo objetiva descrever e analisar criticamente o conteúdo do Caderno do Professor e do Caderno do Aluno da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. O programa São Paulo Faz Escola criado para unificar e centralizar o currículo da Rede Estadual de Ensino Público no Estado de São Paulo gerou a criação de materiais didáticos de apoio para o Professor, para o Aluno, e para o Gestor. Os materiais selecionados para esta pesquisa correspondem aos anos de 2014-2017. (SÃO PAULO, 2014).

O skate aparece somente na grade curricular para o Terceiro Ano do Ensino Médio no primeiro volume do Caderno do Professor e do Aluno, inserido no eixo temático Contemporaneidade da Proposta Curricular do Ensino Médio. Esta nomeação nos permite supor uma das razões de sua inserção na referida proposta curricular. A temática do skate aparece nos respectivos materiais didáticos, Caderno do Professor e do Aluno, com títulos diferenciados, evidenciado talvez ênfases nas práticas específicas destes sujeitos ou mesmo uma forma de focar aspectos vários sobre a temática. Aparecem no Caderno do Professor com o título “A invenção da roda e a criatividade sobre rodas” e no Caderno do Aluno como “Esportes Radicais”. (SÃO PAULO, 2014).

O Caderno do Professor apresenta uma seção intitulada “Orientações Sobre os Conteúdos do Volume” na qual encontramos um texto explicativo sobre os objetivos gerais da Educação Física no Ensino Médio. O texto afirma que:

Podemos, então, definir como objetivos gerais da Educação Física no Ensino Médio: a compreensão do jogo, do esporte, da ginástica, da luta e da atividade rítmica como fenômenos socioculturais em sintonia com os temas do nosso tempo e da vida dos alunos, ampliando os conhecimentos no âmbito da Cultura de Movimento; e a ampliação das possibilidades de Se-Movimentar e dos significados e sentidos das experiências de Se-Movimentar no jogo, no esporte, na ginástica, na luta e na atividade rítmica, rumo à construção de uma autonomia crítica e autocrítica. (SÃO PAULO, 2014, p. 05).

No volume 1 do Caderno do Professor e do Aluno, segundo o texto curricular, são

abordados os eixos temáticos “Corpo, Saúde e Beleza”, “Lazer e Trabalho” e “Contemporaneidade” e os eixos de conteúdo: “Luta” e “Atividade rítmica”. O skate e os esportes radicais estão inseridos no último eixo temático, Contemporaneidade. As orientações sobre os conteúdos fazem o seguinte comentário sobre como o Professor deve trabalhar este eixo temático nas aulas de Educação Física:

No tema Contemporaneidade, serão discutidos os conceitos de diferença e preconceito, aspectos essenciais quando se pretende abordar as habilidades, as características físicas, a etnia, o gênero e as questões sexuais pertinentes aos alunos no que se refere à luta e à atividade rítmica. A atribuição de valor nas expectativas de desempenho e na participação dos próprios alunos no âmbito da Cultura de Movimento está associada à construção cultural das diferenças percebidas entre eles. Por isso, serão abordados estereótipos que devem ser evitados para minimizar concepções preconceituosas, bem como para prevenir práticas discriminatórias, em especial na luta e na atividade rítmica, como proposto neste volume. Também serão discutidos os esportes radicais, importante manifestação contemporânea dos jovens que sugere novas experiências do Se-Movimentar, propondo um novo estilo de vida e novas relações com o corpo, com o espaço e outros jovens” (SÃO PAULO, 2014, p. 06).

O currículo oficial do Estado solicita aos Professores da área da Educação Física que trabalhem com os alunos através de Atividades Avaliadoras presentes nas Situações de Aprendizagem. Segundo as orientações:

A avaliação é proposta de modo integrado ao processo de aprendizagem, sem se restringir a procedimentos isolados e formais (como uma prova, por exemplo). Sugere-se privilegiar a proposição de Atividades Avaliadoras que, integradas ao percurso de aprendizagem, favoreçam a elaboração de sínteses relacionadas aos temas e conteúdos abordados e a aplicação, em situações-problema, das habilidades e competências pretendidas para os alunos. As Atividades Avaliadoras devem favorecer a geração, por parte dos alunos, de informações ou indícios, qualitativos e quantitativos, verbais e não verbais, que serão então interpretados por você, professor, nos termos das expectativas de aprendizagem com relação aos conteúdos. Nesse sentido, você pode se valer de observações sistemáticas sobre interesse, participação e capacidade de elaboração e apresentação de situações criativas, dramatizações e outros recursos. Por fim, é importante lembrar que a avaliação, não tem como finalidade primeira atribuir conceitos e notas aos alunos, mas conscientizá-los sobre suas aprendizagens, assim como problematizar e aperfeiçoar a prática pedagógica para que as expectativas sejam atingidas. (SÃO PAULO, 2014, p. 07).

As orientações colocadas no currículo oficial também comentam sobre quais são os espaços da instituição escolar que podem ser utilizados para realização das aulas de Educação Física.

A quadra é o tradicional espaço da aula de Educação Física, mas algumas Situações de Aprendizagem aqui sugeridas poderão ser desenvolvidas na sala de aula, no pátio externo, na biblioteca, na sala de informática ou de vídeo, bem como em espaços da comunidade local, desde que sejam compatíveis com as atividades programadas. Algumas etapas podem ser também realizadas pelos alunos como atividade extra-aula (pesquisas, produção de textos etc.). As orientações e sugestões a seguir pretendem oferecer-lhe subsídios para o desenvolvimento dos temas apresentados. Não pretendem apresentar as Situações de Aprendizagem como as únicas a serem realizadas, nem restringir a sua criatividade, como professor, para elaborar outras atividades ou variações de abordagem dos mesmos temas. As Situações de Aprendizagem aqui apresentadas também poderão ser enriquecidas com a exibição de filmes relacionados aos temas. Sugestões nesse sentido são apresentadas ao longo deste volume. (SÃO PAULO, 2014, p. 07).

As orientações colocadas pelo Currículo Oficial através das sugestões inseridas no Caderno do Professor permitem compreender como o trabalho do professor deve ser feito e realizado com os alunos na instituição escolar.

E como o skate é apresentado ao Professor de Educação Física? Quais são os temas, situações de aprendizagem e atividades avaliadoras que devem ser apresentadas ao aluno? Há condições físicas e espaciais que permitam a prática efetiva dessa modalidade esportiva na unidade escolar? O conteúdo apresentado garante aos estudantes da Rede Pública Estadual de São Paulo a possibilidade de aprender os fundamentos práticos do skate? Ou o conteúdo é apresentado como um meio para reforçar as habilidades e competências de leitura e escrita planejadas como prioritárias pelo Programa São Paulo Faz Escola?

3.2 O skate no Caderno do Professor do Ensino Médio

A prática do skate aparece no currículo escolar da Rede Pública Estadual de Ensino com o seguinte título “Tema 6 – Contemporaneidade: Esportes Radicais”. Mas qual o sentido do skate estar presente no material didático dos professores da Rede Estadual de São Paulo? E qual o significado político do material didático ofertado aos professores?

O texto introdutório do capítulo no Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014, p. 60) apresenta a ideia de que o mundo e a época em que vivemos são marcados por grandes transformações sociais. Essas transformações, segundo o texto, recebem o nome de Globalização. Ela ocorre em termos econômicos (pelo fluxo dos produtos e serviços em escala mundial) e também é caracterizada pelo seu aspecto cultural que compreende idéias,

valores e comportamentos.

A globalização cultural pode influenciar os conceitos e as relações que as pessoas mantêm com o corpo. Isto porque com a globalização e os seus avanços tecnológicos promoveram um sedentarismo e uma virtualização dos corpos através dos jogos eletrônicos que simulam uma realidade virtual, fenômenos promovidos pela televisão e pela internet.

O advento dos esportes radicais é mais um elemento que se agrega à cultura de movimento contemporânea definida pela ascensão da cultura esportiva e corporal através dos meios de comunicação de massa e os suportes midiáticos.

Na Situação de Aprendizagem intitulada “A invenção da roda e a criatividade sobre rodas” (SÃO PAULO, 2014, p. 61) tem como proposta fazer com que os alunos vivenciem pelo menos uma modalidade sobre rodas: o skate e/ou patins. Interessante comentar que a inclusão da prática do skate no currículo escolar não é exclusiva. A sugestão é que o uso dos patins também seja oferecido aos alunos.

A etapa 1 do Desenvolvimento da Situação de Aprendizagem tem como título “Na terra, no ar e na água”. A proposta propõe que o professor deve organizar os alunos em grupos (de preferência mistos) e solicitar que relatem os esportes radicais que conhecem. Depois do registro, o professor deve sugerir que classifiquem os esportes radicais de acordo com o ambiente que é realizado: água, ar ou terra. (SÃO PAULO, 2014, p. 62).

O caderno do professor também sugere que o professor possa incluir outras formas de classificação dos esportes radicais: modalidades sobre rodas, modalidades de inverno, modalidades na natureza, modalidades na cidade etc. Após esse levantamento de informações sobre os esportes radicais, os alunos devem registrar as principais idéias e argumentos e devem destacar as dificuldades para a prática destas modalidades esportivas. (SÃO PAULO, 2014, p. 62).

Para facilitar a leitura da descrição e análise do Tema 6, incluirei passagens do texto curricular, assim como imagens (Figuras de 1 a 4) que nos permitem acompanhar a perspectiva dos autores do programa São Paulo faz Escola para a disciplina educação física.

Figura 1 – Introdução do conteúdo “Contemporaneidade: Esportes Radicais”

TEMA 6 – CONTEMPORANEIDADE: ESPORTES RADICAIS

O mundo e a época em que vivemos caracterizam-se por grandes transformações, dentre as quais a globalização, que não é apenas econômica (produtos e serviços), mas também cultural (ideias, valores, comportamentos). Tudo isso pode influenciar os conceitos e as relações que as pessoas mantêm com o corpo. O advento dos

esportes radicais, como mais um elemento que se agrega à Cultura de Movimento contemporânea, é bastante significativo nesse processo, pois leva ao extremo a experiência corporal do risco, da liberdade e da aventura, indo na “contramão” do sedentarismo e da virtualização dos corpos, fenômenos promovidos pela televisão e pela internet.



Figura 25 – Ir ao trabalho de skate.

Fonte: São Paulo (2014, p. 60).

A imagem veiculada mostra um executivo possivelmente de classe média, expressando uma realidade não muito comum no cotidiano paulista, nem mesmo na capital do estado. De qualquer forma serve para enfatizar uma postura incentivada pela disciplina da educação física: o movimento, evitando a sedentarização, forjando um estilo de vida.

Figura 2 – Situação de Aprendizagem 7: “A invenção da roda e a criatividade sobre rodas”

Porém, nem todas as atividades que provocam essa sensação de liberdade e aventura são vistas como radicais. Vários nomes podem ser atribuídos a esse desejo humano de superar as adversidades do ambiente, seja na água, na terra ou no ar, nas praias no verão ou em montanhas cobertas de neve durante o inverno, ou, ainda, enfrentando as demandas ambientais que surgiram com a urbanização das cidades.

Atividades de aventura na natureza podem designar algumas vivências, como seguir trilhas ou fazer escaladas; e jogos extremos ou esportes radicais (os chamados *extreme games* ou *X games*) são passíveis de abranger outros elementos culturais, como fazer manobras em bicicletas, *skates* e patins. Algumas manifestações podem ser relacionadas sob diferentes nomenclaturas e classificações, como surfar nas regiões litorâneas, criar percursos diferenciados nas cidades (*parkour*) ou utilizar os equipamentos de parques temáticos (jogos vertiginosos).

De qualquer modo, os esportes radicais tendem a reunir certos grupos socioculturais, sobretudo entre os jovens, que se identificam e constroem certo “estilo de vida” caracterizado por sentidos/significados atribuídos ao Se-Movimentar, vestuário, linguajar etc.

Possibilidades interdisciplinares

Professor, o tema “Contemporaneidade: esportes radicais” poderá ser desenvolvido de modo integrado com outras disciplinas, na medida em que envolve conteúdos comuns: Geografia (espaço urbano) e Inglês (expressões estrangeiras). Converse com os professores responsáveis em sua escola por essas disciplinas. Essa iniciativa facilitará aos alunos a compreensão dos conteúdos de forma mais global e integrada.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 7 A INVENÇÃO DA RODA E A CRIATIVIDADE SOBRE RODAS

Os alunos relacionarão os esportes radicais conhecidos pela turma e/ou já praticados por

eles. A seguir, vivenciarão pelo menos uma modalidade sobre rodas: *skate* e/ou patins.

Conteúdo e temas: esporte na contemporaneidade: esportes radicais; corpo, Cultura de Movimento e “estilo de vida”.

Competências e habilidades: identificar características específicas dos esportes radicais; relacionar experiências do Se-Movimentar para elaborar conhecimentos sobre o “estilo de vida” dos praticantes de esportes radicais.

Sugestão de recursos: folhas de papel; papelão; colchões; madeirite; bastões; jornal; balões.

Figura 3 – Desenvolvimento da Situação de Aprendizagem 7. Etapa 1
 – “Na terra, no ar e na água”



Figura 26 – Skatistas.

Desenvolvimento da Situação de Aprendizagem 7

Etapa 1 – Na terra, no ar e na água

Organize os alunos em grupos (preferencialmente mistos) e solicite que relatem os esportes radicais que conhecem, registrando-os em uma folha avulsa e grifando os que já tenham vivenciado. A seguir, sugira que classifiquem os esportes radicais de acordo com o ambiente em que predominantemente ocorrem: terra, ar e/ou água.

Opcionalmente, você pode propor a eles que elaborem outras classificações, por exemplo: modalidades sobre rodas, modalidades de inverno, modalidades na natureza, modalidades na cidade etc. A intenção é que percebam que qualquer classificação atende a critérios que podem ser amplos ou limitados. Por isso, como o esporte na atualidade tem grande apelo econômico, diversas práticas são associadas a essa ques-

tão, como é o caso dos esportes radicais enfatizados pela mídia.

Discuta com os alunos as características comuns e discrepantes nos esportes radicais mencionados. Sugira que registrem os argumentos principais que tenham sido elaborados durante a discussão. Destaque as principais dificuldades para a prática das modalidades, enfatizando as que eles já vivenciaram.

Após essa discussão, solicite a eles que procurem se equilibrar sobre superfícies instáveis ou móveis, como papelões, colchões, tapetes, pranchas de madeirite e/ou bastões, que poderiam ser transportados por outros alunos, ou sobre o dorso de alguns colegas postados sobre quatro apoios. Discuta novamente as impressões da turma, destacando as dificuldades percebidas durante a vivência.

Professor, realize com os alunos a leitura do texto apresentado no quadro “Desafio!” e solicite que respondam às seguintes questões.

Após a discussão, dando prosseguimento à atividade, o professor responsável deve solicitar aos alunos que procurem se equilibrar sobre superfícies móveis ou instáveis. Os materiais sugeridos são: papelões, colchões, tapetes, pranchas de madeirite ou bastões de madeira. Esta atividade pretende trabalhar habilidades corporais, sobretudo o equilíbrio.

Após, o professor deve conversar com os alunos sobre quais foram suas impressões e dificuldades. Esta atividade expressa a intenção da disciplina curricular em explorar a positividade do movimentar-se, de forma bem concreta e prática. Caso o docente não a desenvolva o aluno poderá desconsiderar a educação física como um espaço disciplinar sem valor, “desperdício de tempo” como às vezes a denomina o senso comum.

Em seguida, o caderno do professor sugere uma atividade de leitura com os alunos, com o texto “Desafio!”. O texto refere-se ao mundo do skate. Comenta que: “O skate é uma prática bastante comum entre os jovens que se aventuram realizando manobras, muitas vezes sem equipamentos de proteção, o que obviamente deve ser evitado”. O texto apresenta uma série de figuras, solicitando ao aluno identifica-las. As figuras são imagens de manobras, equipamentos e locais de prática do skate. Que são: Pool riding, Ollie, Manual, Trucks, Grind e Downhill. (SÃO PAULO, 2014, p. 63).

Figura 4 – Seção Desafio! – O mundo do skate

Desafio!

O mundo do skate

O *skate* é uma prática bastante comum entre os jovens que se aventuram realizando manobras, muitas vezes sem equipamento de proteção, o que obviamente deve ser evitado.

Você é capaz de identificar, pelo nome, as manobras, os equipamentos e os locais das fotos e ilustrações a seguir? Vamos ver o quanto você é "radical".

Para ajudar, vamos dar uma mãozinha, colocando uma relação de nomes para você utilizar nesta tarefa:

- *Pool riding*
- *Ollie*
- *Manual*
- *Trucks*
- *Grind*
- *Downhill*

Analise as imagens a seguir e complete com o nome correspondente:

-  © Darryl Lentak/Shutterstock Images
Downhill
-  © Henry Weatherman Photography/Alamy/Getty Images
Grind
-  © Jannmarco/Lamp/Glow Images
Manual
-  © Alonzo de Cappel/Br/Stock
Ollie
-  © Concedin Editorial
Trucks
-  © Wig Weiland/Alamy/Glow Images
Pool riding

Megarrampa – Sambódromo – São Paulo.
© Luiz Davy Netto/Br/Stock

Fonte: São Paulo (2014, p. 63).

De fato, o título da atividade parece apropriado, pois é um desafio no duplo sentido: as atividades práticas com o skate, assim como a respectiva nomenclatura, utilizada pelos autores no desenvolvimento da aula.

A etapa 2, “ Vida sobre Rodas” tem como objetivo propiciar a prática do skate pelos alunos. Mas como ocorre esta sugestão de aula prática de skate segundo as orientações do Caderno do Aluno?

O texto recomenda que o professor avise antecipadamente aos alunos que tragam skates e/ou patins para aula conforme a disponibilidade que tenham em conseguir material próprio ou emprestado. O professor deve considerar o nível de autonomia da turma e, recomenda-se que a aula não possua mais do que dez skates e/ou patins em uso ao mesmo tempo, sendo necessário também o uso de equipamentos de segurança para minimizar os riscos de quedas, lesões e fraturas. (SÃO PAULO, 2014, p. 64).

Aqui aparece uma contradição pedagógica colocada pela proposta curricular: a inclusão do skate/patins nas escolas estaduais é feita sem a disponibilidade de materiais específicos pela própria unidade escolar. Conseqüentemente a aula de skate só ocorre em espaço escolar se os alunos possuírem os equipamentos necessários para a prática do skate.

O texto também alerta para a necessidade de evitar as lesões. As lesões mais comuns ocorrem nos membros superiores (punhos e cotovelos), mas também ocorrem nos membros inferiores, caso não ocorra à orientação correta sobre a posição corporal sobre o skate. Andar de skate também exige que se aprenda a parar o skate. Esse movimento é utilizado usando um dos pés para que ele possa deslizar sobre o pavimento até o skate parar. No caderno do aluno percebe-se a ausência destas importantes orientações que auxiliam e dão segurança na prática do skate.

Outro problema enfrentado pelo docente nas aulas de educação física com relação à prática do skate é com relação a equipe gestora da unidade escolar na utilização dos espaços escolares.

O professor deve conversar previamente com a direção e a coordenação da escola, pois segundo o caderno, às vezes a entrada destes equipamentos é vetada pela instituição de ensino. Também devem ser verificadas as reais condições dos alunos trazerem equipamentos em número e condições suficientes para a proposta de aula.

Na aula prática sugerida pela etapa 2, os alunos devem ser organizados conforme o

nível de habilidade sobre o skate e/ou patins. As possibilidades de classificação seriam: a) Iniciantes: permanecer em pé nos equipamentos e deslocar-se sem apoio e sem auxílios dos colegas; b) Intermediário: deslocar-se em sentidos opostos, fazer curvas e controlar os movimentos; c) Avançado: realizar manobras com equipamentos de segurança e apresentar maior precisão nos descolamentos.

A proposta considera que o professor possa identificar os alunos com nível avançado e estes podem dar orientações para os colegas de outros níveis durante a aula.

Após a vivência inicial, o professor deve propor uma atividade de enfrentamento entre os grupos. O objetivo é proteger-se e tentar retirar o objeto dos colegas. Para que a vivência seja adequada os alunos devem ser separados e organizados pelo mesmo nível de habilidade sobre o skate.

No levantamento das dificuldades levantadas pelos alunos, sugere, especialmente, explorar os problemas em relação à postura. Ou seja, o respeito ao outro. Mais uma vez podemos identificar preocupações da educação física com o relacionamento humano, paralela às atividades físicas.

A etapa 3 “Estilo de vida radical” afirma que a identificação com determinada prática corporal reflete um estilo de vida. Os alunos devem identificar práticas que influenciam seu próprio estilo e costumes e registrá-los em uma folha de papel.

A seguir, organizados em grupos conforme suas afinidades esportivas devem procurar identificar, no mesmo grupo, os alunos que tem um estilo de vida radical. Devem também registrar coletivamente os argumentos favoráveis e desfavoráveis aos seus próprios hábitos discutindo em seguida as implicações dos diferentes costumes, enfatizando as particularidades de um estilo de vida radical.

A proposta propõe uma pesquisa de campo para ampliar a perspectiva dos alunos levando-os a observar no bairro em que residem quais são os esportes radicais mais comuns. Neste trabalho de campo que envolve a observação e o registro do estilo de vida dos praticantes dos esportes radicais, devem os alunos atentar para algumas questões tais como, observarem como os praticantes se vestem, agem, falam. Também devem comentar sobre os

locais de reunião para prática do esporte e quais são as dificuldades encontradas para o exercício desta prática. Esta atividade expressa um olhar para a percepção da constituição de grupos diferenciados e sua identificação nas relações sociais. Possibilita uma leitura das diversidades culturais na realidade na qual vive os alunos.

Após esta série de atividades e discussões a proposta curricular de educação física apresenta uma avaliação dos conhecimentos adquiridos. A “Atividade avaliadora” solicita que os alunos de forma individual devam realizar os seguintes procedimentos: identificar e classificar os esportes radicais conforme o ambiente em que são vivenciados, ou seja, na água, terra ou ar; e explicar como é o estilo de vida de quem usa skate ou patins.

A avaliação deve ser também discutida em sala de aula, baseada nas respostas dos alunos. Sugere a proposta que o professor deva solicitar que os alunos analisem possíveis contribuições do uso de skate e patins para o trabalho profissional, pois eles podem ser utilizados em muitas situações no cotidiano de suas vidas, e locomoção pelo espaço urbano. Considero importante a transcrição da orientação sobre a atividade de avaliação colocada pelo Caderno do Professor:

Discuta as respostas com os alunos e solicite que analisem possíveis contribuições do uso de patins e skates para o trabalho profissional. A intenção é criticar visões estereotipadas sobre os esportes radicais. Por exemplo, além do uso em modalidades esportivas, os patins e skates podem ser utilizados em supermercados, lojas de departamento, atendimento em lanchonetes, serviços de entrega ou para locomoção até o local de trabalho. Tanto nas respostas por escrito quanto na discussão, observe se os alunos elaboram argumentos consistentes para contextualizar o estilo de vida radical ou se apenas reforçam os estereótipos. (SÃO PAULO, 2014, p.67).

Pode parecer uma colocação exagerada sobre o uso do skate ou patins, mas expressa uma ideia de que o aluno possa aprender na escola, com o skate ou patins uma habilidade profissional, que talvez o ajude na sua entrada no mercado de trabalho marcado pela precariedade e desqualificação profissional.

A lição de casa sugere que a turma prepare um rap, uma paródia musical, ou uma peça teatral sobre como a atividade física influencia seu próprio estilo de vida, costumes, escolha das amizades e hábitos de vida.

Caso o aluno não alcance sua média escolar ele pode conseguir sua nota através de uma atividade de recuperação. O caderno do aluno apresenta neste item propostas de atividades que podem ser individuais ou coletivas que envolvam roteiros de estudos com perguntas norteadoras elaboradas pelo próprio professor. Também pode sugerir apreciação e análise de filmes e documentários, assim como apresentação da atividade em outras formas de linguagens como, por exemplo, a dramatizar a argumentação contida em um texto escrito ou apresenta-la através do uso de imagens extraídas das diversas mídias.

Enfatizo com estas colocações as sugestões de atividades que recorrentes à demais disciplinas do currículo do ensino médio, constituem um procedimento diferenciado na prática da educação física.

A última seção do texto do Caderno do Professor é chamada “Recursos para Ampliar a Perspectiva do Professor e do Aluno para a Compreensão do Tema”. Os recursos didáticos sugeridos pelo material de apoio ao docente inclui livros, artigos e filmes.

Os livros sugeridos pelo Caderno do Professor são:

- DIAS, Cleber A. G.; ALVES Jr., Edmundo D. *Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2008. Analisa os desafios e as perspectivas dos esportes praticados na natureza, também conhecidos como radicais e de aventura, especialmente o surfe e o montanhismo, na perspectiva das ciências sociais, pela relação entre o esporte de aventura e o turismo.
- MOREIRA, Wagner W. (org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas: Papirus, 2006. A publicação busca identificar os fatores que influem no entendimento do corpo na contemporaneidade, apresentando trabalhos que investigam a interação entre esporte, corporeidade, meio ambiente, mídia, virtualidade e formação profissional.
- UVINHA, Ricardo R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

Apresenta uma discussão sobre o lazer e o esporte na adolescência, desvendando o sentido do “radical” para os jovens e explorando questões relativas aos seus valores, anseios, modos de agir e pensar.

O Caderno do Professor sugere três artigos acadêmicos para o trabalho docente em Educação Física. São eles:

- FIGUEIRA, Márcia L. M.; GOELLNER, Silvana V. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.30, n. 3, 2009, p. 95-110. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/254/369>. Acesso em: 09 set. 2019.

O artigo analisa, por meio de diferentes fontes documentais, a pouca visibilidade dada no Brasil às mulheres que praticam skate.
- HONORATO, Tony. Modelo de aprendizagem da tribo skatista. 9º Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 2004, Recife. *História e Ciências Sociais, Fontes e Métodos Anais...* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. Disponível em: <http://www.boletimef.org>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Propõe um possível modelo de aprendizagem sistematizado e técnico da prática do skate.
- SPINK, Mary J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1277-1311, nov-dez 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102311X2001000600002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Este artigo tem como objetivo situar as novas modalidades de uso dos repertórios interpretativos sobre risco, especialmente no que se refere à perspectiva da aventura.

Dos artigos acima citados, embora todos os três sejam super positivos, no sentido de ampliar a visão do professor para as questões inerentes ao tema, destaco o de Tony Honorato

por ser bem didático para o trabalho do professor de educação física na escola pública com relação à prática do skate.

A lista de filmes sugeridas pelo Caderno do Professor são:

- *ATL – O som do gueto (ATL)*. Direção: Chris Robinson. EUA, 2006. 120 min. 14 anos.
O filme mostra quatro adolescentes da classe operária de Atlanta chegando a uma idade em que a música, o hip-hop e os patins são as palavras de comando na vizinhança.
- *Deck dogz: feras do skate (Deck dogz)*. Direção: Steve Pasvolsky. Austrália, 2005. 90 min. 12 anos.
Narra como dois garotos sonham em se tornar skatistas profissionais e participar de um campeonato. Sem contar com nenhum tipo de apoio, eles tentam conseguir ajuda, mas nem sempre com as pessoas certas.
- *Ritmo alucinante (Rollbounce)*. Direção: Malcolm D. Lee. EUA, 2005. 112 min. 12 anos.
Aborda o final da década de 1970, quando patinar era um modo de vida (Chicago) e sua turma eram os reis incontestáveis desta prática esportiva. Mas, o fechamento das portas do rink local significou o fim de uma era e o início de outra, na qual os rapazes teriam de se aventurar em território estranho: o rink do lado rico da cidade, no qual encontraram competidores super qualificados que os leva a constatar o fim do sonho vivido até então.

Os filmes, especialmente os dois últimos, enfocam, sobretudo, os dilemas que envolvem a prática do skate. O *Deck dogz: feras do skate* explora um tipo de praticantes do skate que acabam por sua extrema paixão pelo esporte, a enveredarem por caminhos tortuosos. Serve como um aviso aos desprevenidos. E o *Ritmo Alucinante* mostra a prática como um elemento importante para a qualificação do profissional, deixando entrever como as condições sociais e econômicas influenciam/facilitam na formação de uma prática esportista.

A descrição das propostas de atividades envolvendo o skate no currículo expressam

na minha maneira de interpretá-las, como já afirmamos, contraditória. Apresentam uma atividade esportiva, mas ao mesmo tempo negam a possibilidade que ela ocorra, pois não viabilizam condições, espaciais e materiais para a sua prática na escola pública. As atividades sugeridas pelo Caderno do Professor indicam uma sucessão de leituras, registros escritos e atividades de avaliação que são importantes para a formação do aluno. Mas é uma formação digamos incompleta, pois não há no material didático, orientações para o uso correto do skate, qual seja, de como subir ou descer do skate, de como posicionar o corpo e os pés para se locomover com autonomia; não explica/explora quais são os elementos do skate, suas modalidades e nem a nomenclatura das diferentes manobras e como podem/devem ser realizadas.

Podemos afirmar que leitura do Caderno do Professor não apresenta os fundamentos básicos que permitam que os alunos/as possam realmente aprender como andar, parar ou até mesmo realizar manobras essenciais com o skate. Ou seja, o documento curricular parece tratar a prática do skate como já conhecida, praticada, exaltando-a como um elemento da “contemporaneidade” que precisa ser contemplada pela escola.

Como o objetivo da pesquisa é analisar o documento curricular, podemos inferir que o mesmo pressupõe um profissional qualificado, bem formado, capaz de superar as parcialidades das orientações curriculares no que diz respeito ao ensinamento e aprendizagem da prática do skate. A dialética entre desqualificação e requalificação está presente neste capítulo, pois as orientações recomendadas pelo texto curricular desconsideram os saberes e práticas do universo do skate. O skate é pensado como um mero instrumento para reforçar habilidades e competências que são impostas pela escola enquanto aparato do Estado.

O currículo como afirmamos é uma versão escolarizada da cultura. O capítulo “Esportes Radicais: criatividade sobre rodas” parece ter a preocupação em explorar as habilidades e competências referentes à leitura, interpretação e escrita. São aspectos importantes da aprendizagem, mas o skate não se resume somente a estes aspectos. Ele possui um potencial pedagógico que permite articulações disciplinares, e é uma atividade esportiva de grande apelo junto à comunidade de jovens na instituição escolar.

A prática do skate é uma atividade criativa que trabalha com a imaginação e a persistência, constituindo outra forma de olhar o ambiente ao seu redor. A proposta colocada

pelo caderno do Professor parece eliminar este potencial criativo e transformador da prática do skate, até mesmo porque, segundo as orientações, a aula de skate só vai ocorrer no espaço escolar caso os alunos, após negociação com a coordenação, os tragam para a aula de Educação Física. Ou seja, reafirmamos a contradição relevante na proposta curricular de educação física: ao mesmo tempo em que esta prática é ofertada no currículo, esta mesma atividade não ocorre por diversos motivos estruturais e políticos.

3.3 O skate no Caderno do Aluno no Ensino Médio

O Caderno do Aluno da área da Educação Física para o terceiro ano do Ensino Médio é dividido em dois volumes. O volume 1, destinado ao primeiro semestre do ano letivo apresenta o Tema número 5 “Esportes Radicais” que se encontra dentro do eixo “Contemporaneidade” apresentado na Proposta Curricular do Estado de São Paulo.

O material de apoio ao aluno inicia com um texto de apresentação do documento redigido pela Equipe Técnica da Educação Física da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB) da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Segundo o texto:

Caro (a) aluno (a), este Caderno foi elaborado com a intenção de permitir a você ampliar os conhecimentos elaborados em aula, registrar dados importantes, sistematizar pesquisas e fazer anotações de seu interesse. Neste volume, os temas tratados serão “Luta”, “Corpo, saúde e beleza”, “Atividade rítmica”, “Lazer e trabalho” e “Contemporaneidade”. No tema “Luta”, o assunto é o boxe, modalidade na qual atletas brasileiros se destacaram internacionalmente. Você entenderá que essa prática carrega um conjunto de signos e significados que podem ser aprendidos para entendimento da competição. Perceberá que a prática requer preparo físico e emocional e respeito ao adversário que participa da luta. Poderá desenvolvê-la em aula com vistas a se apropriar de mais um elemento da Cultura de Movimento, visando à orientação da prática regular e sistemática de atividade física para a manutenção de uma vida saudável. No tema “Corpo, saúde e beleza”, você estudará os princípios do treinamento físico: sobrecarga, individualidade e reversibilidade. A intenção é orientá-lo quanto à possibilidade de gerenciamento mínimo de uma prática regular de atividade física. A intenção não é transformá-lo num profissional de Educação Física, mas, a partir do seu aprendizado durante toda a Educação Básica, prepará-lo para que seja mais autônomo e crítico em relação à prática de atividades físicas e ao seu próprio estilo de vida. O tema “Atividade rítmica” abordará o hip-hop e o street dance. Você terá a possibilidade de compreender as manifestações rítmicas da cultura jovem e, mais do que dançar, você poderá construir sua prática de acordo com os conteúdos que circundam seu meio. A ginástica laboral é o assunto tratado em “Lazer e trabalho”. O estresse e a demanda de muitas horas destinadas ao trabalho favorecem o aparecimento de vários problemas de saúde. A ginástica laboral assume papel importante em relação

à qualidade de vida. A apropriação desse conhecimento permite a reorganização da própria rotina, com o objetivo de reduzir o estresse e a sobrecarga no organismo. No tema “Contemporaneidade”, o assunto será esportes radicais. Um assunto atual que a cada dia envolve maior número de adeptos e praticantes. Assim, participar desses esportes consciente das limitações e das necessidades de preparo corporal é condição primordial para o sucesso, prazer, bem-estar e para a manutenção regular da atividade. Este volume oferece a oportunidade para você pesquisar, identificar, analisar, individualmente ou em grupo, questões a respeito do mundo atual e da necessidade de prática de atividades físicas regulares. Bom estudo! Equipe Técnica de Educação Física Área de Linguagens Coordenadoria de Gestão da Educação Básica – CGEB Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2014, p. 03).

O conteúdo sobre skate e esportes radicais inicia com o título “Para começo de conversa”, com a seguinte discussão:

No uso corrente, a palavra radical tornou-se sinônimo de extremista. As grandes transformações no mundo globalizado têm influenciado os conceitos e as relações que mantemos com o corpo. Os esportes chamados radicais refletem este movimento, que se instalou na sociedade contemporânea, levando ao extremo a experiência corporal do risco, da liberdade e da aventura. (SÃO PAULO, 2014, p. 38).

Os dois cadernos, o do Professor e do Aluno se complementam. Nesse sentido, a intenção é percorrer as atividades, enfatizando aspectos que possam reforçar as colocações sobre as perspectivas dos autores do São Paulo Faz Escola com relação ao papel da educação física na formação do aluno/a da escola pública paulista.

A atividade número 1 traz as mesmas ilustrações e questões do caderno do professor sobre as modalidades esportivas, acrescidas de espaços para as perguntas que os alunos deverão responder. Cabe reforçar nas imagens as figuras de jovens bem constituídos fisicamente e uniformizados distanciando da realidade da escola pública.

Como são as mesmas atividades do Caderno do Professor, destaco o final do item “Lição de Casa” que em forma de rap, parodia musical ou peça teatral expresse “como a atividades física influencia ou influenciou seu próprio estilo de vida, seus costumes, a escolha de amigos e seus hábitos de vida, preferência de música, roupa, esportes etc. Se você sonha com mudanças, exponha o que você deseja mudar, o que deseja ser”. (SÃO PAULO, 2014,p.41).

Considero interessante a ênfase na importância da atividade física na vida de uma pessoa assim como o destaque da ação do aluno/a como sujeito histórico, embora considere a atividade um pouco forçada e superficial quando afirma o sonho pelas mudanças com o que o aluno/a deseja ser. Digo isso porque parece uma afirmativa inconsistente, pois dá a impressão de algo imediato, mecânico, fácil de ocorrer no cotidiano da vida. Sabemos que o desenvolvimento das atividades e conseqüentemente habilidades e valores dependerão da condução do professor nas discussões durante as aulas.

O próximo item aparece com o título “Desafio” e com o subtítulo: “O mundo do skate”. A atividade inicia com uma figura da Megarampa no Sambódromo e traz em seguida o seguinte texto:

O skate é uma prática bastante comum entre os jovens que se aventuram realizando manobras, muitas vezes sem equipamento de proteção, o que obviamente deve ser evitado. Você é capaz de identificar, pelo nome, as manobras, os equipamentos e os locais das fotos e ilustrações a seguir? Vamos ver o quanto você é radical. Para ajudar, vamos dar uma mãozinha, colocando uma relação de nomes para você utilizar nesta tarefa. As palavras são: Pool Riding, Ollie, Manual, Trucks, Grind e Downhill. (SÃO PAULO, 2014, p. 42).

A próxima sessão do Caderno do Aluno intitulada “Para Saber Mais” sugere uma lista de sites e filmes para que o aluno possa pesquisar e aprofundar o conhecimento sobre o assunto. A lista dos filmes são os mesmos indicados para o professor. Mas no lugar de artigos sugeridos para a leitura do professor, o Caderno do Aluno indica sites. São eles:

Como tudo funciona – esportes radicais. Disponível em: <<http://esporte.hsw.uol.com.br/esportes-radicaais-canal.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

Apresenta informações sobre diferentes esportes radicais, com histórico, equipamentos, manobras, entre outros assuntos.

- *Tudo sobre parkour.* Disponível em: <<http://www.parkour.com.br>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

Contém informações sobre essa prática radical de se deslocar e conseguir se movimentar passando por obstáculos que se encontram no caminho. Apresenta

um histórico da prática, conceitos e informações adicionais para o entendimento dessa atividade corporal.

Podemos perceber que os sites centram informações que auxiliam na orientação da prática do skate de forma mais pontual, ajudando o aluno/a na compreensão da atividade física.

A última atividade do Caderno do Aluno é a seção “Você Aprendeu?”. É uma verificação do conteúdo aprendido durante as aulas de Educação Física sobre skate e os esportes radicais. É composto por três perguntas referentes ao conteúdo apresentado e o aluno deve assinalar a alternativa correta. As alternativas solicitadas pelo material são:

1. Os esportes radicais podem ser agrupados segundo:
 - a) os ambientes predominantes para sua prática;
 - b) os equipamentos utilizados;
 - c) os bairros onde são praticados.

2. A maior rampa de skate do mundo foi construída no Brasil:
 - a) na praia, em Santos;
 - b) no Sambódromo, em São Paulo;
 - c) no Maracanã, no Rio de Janeiro.

3. São manobras realizadas com o skate:
 - a) grind, ollie, manual;
 - b) dachi, oi zuki, geri;
 - c) aú, bênção, cabeçada.

4. O pool riding é:
 - a) o obstáculo que servirá de apoio para deslizar com o skate;
 - b) o salto realizado com o skate e com o skatista agachado;
 - c) uma pista de skate em forma de bowl (bacia).

Os exercícios acima expressam uma preocupação com os lugares nos quais se realiza a prática do skate, assim como o conhecimento de uma nomenclatura a respeito do tema. Talvez

uma visão mais discursiva sobre o skate do que os procedimentos práticos que poderiam levar à aprendizagem efetiva desta categoria esportiva.

A análise do conteúdo do capítulo sobre Esportes Radicais presente no volume 1 do Caderno do Aluno da área de Educação Física para o Terceiro Ano do Ensino Médio nos permite concluir, como já afirmamos com relação ao Caderno do Professor, que o skate e os esportes radicais são apresentados de forma precária ressaltando mais a importância do movimento e das atividades físicas para a saúde do praticante, a questão da socialização propiciada pelo esporte, assim como os exercícios voltados para o reforço da leitura e da escrita do que propriamente a aprendizagem da prática do skate.

Ribeiro (2015) ao analisar o Caderno do Professor e o Caderno do Aluno na área da Sociologia chega a uma conclusão semelhante sobre o papel superficial e precário deste material de apoio:

Analisa-se que o material é o próprio centro da proposta curricular, que assim segue as políticas constituídas pelo Estado, sabendo-se que a intenção não é criar uma nova consciência de classe e de mundo aos alunos e sim, transmitir conteúdo pelo conteúdo na forma de carregar para si objetivos específicos à escola, como em mérito, avaliações internas e externas e que de certa forma culpabilizará ao professor sobre deficiências no âmbito de aprendizagem dos alunos. (RIBEIRO, 2015, p.10).

O capítulo em nenhum momento cita ou explora a possibilidade efetiva da prática do skate ocorrer dentro do espaço escolar. Sempre é importante lembrar que as prescrições colocadas tanto no Caderno do Professor como no Caderno do Aluno podem ser alteradas e subvertidas pelo Professor.

De forma geral, isso ocorre quando o profissional responsável pelas aulas da Educação Física já possui uma relação com a prática do skate ou consegue organizar o coletivo escolar para que ocorra realmente uma aula prática de skate para os estudantes da escola pública.

O capítulo explora a discussão de como o processo de globalização mudou as formas e os conceitos de se relacionar com o corpo. A experiência do corpo é levada ao extremo por conta do elemento aventura e risco que estão envolvidos na prática dos esportes radicais.

O conteúdo associa os esportes radicais com os esportes de aventura tendo como uma das suas características principais o fato de reunir jovens que se identificam e constroem certo “estilo de vida” pela forma de se vestir e pelo gosto musical.

Os exercícios exploram a observação, classificação e comparação de imagens para as várias modalidades do esporte radical e espaços nos quais se realizam os esportes. Atividades variadas inclusive de avaliação exploram linguagens diversas na intenção de possibilitar a inferência dos conhecimentos adquiridos pelo aluno/a.

Interessante notar que em nenhum momento é apresentado no conteúdo a história do skate seja em nível internacional ou nacional, não apresentando as modalidades existentes e nem os fundamentos básicos da prática do skate.

Nesse sentido, o conteúdo não proporciona para os alunos da rede pública de ensino como realizar um teste de equilíbrio, assim como se deslocar com o skate, como subir e descer, frear e outros movimentos corporais com o skate. Quando ocorre esta menção no capítulo ela é feita de forma superficial, sem aprofundar as questões históricas e sociais que estão presentes na prática do skate.

Maciel (2015) aponta a importância do ensino do skate nas instituições escolares. Segundo o autor:

Além disso, confiamos que o skate aprimora nas crianças a coragem, a persistência e determinação. O fato de a criança descer de uma rampa em cima do skate necessita de muita coragem. Mas, se cair, ela tem que ter a persistência e a determinação para tentar novamente. Todos esses fatores estão relacionados na vida cotidiana de uma pessoa. Precisamos ter coragem para enfrentar os desafios em nossas relações sociais, ser persistente nas coisas que almejamos e ser determinados em tudo que queremos, pois o skate nos proporciona tanto no desenvolvimento motor como nas questões sociais. (MACIEL, 2015, p.71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Secretaria Estadual de Educação no ano de 2008 implantou a reforma curricular na Rede Estadual de Ensino de São Paulo conhecida como Programa São Paulo Faz Escola. O foco é unificar o currículo oficial, garantir uma base comum de conhecimentos e competências, elaborando nesse sentido, materiais didáticos que orientassem o trabalho dos gestores, professores e alunos. A intenção centralizadora articula-se com medidas administrativas como a avaliação dos resultados obtidos pelos alunos da Rede Estadual.

Compreender como o currículo é construído permite refletir e problematizar as reformas educacionais na área da Educação. Nesse sentido, afirma Goodson:

Se não analisarmos a elaboração do currículo, a tentação será a de aceitá-lo como um pressuposto e buscar variáveis dentro da sala de aula, ou, pelo menos, no ambiente de cada escola em particular. Estaríamos aceitando como “tradicionais” e “pressupostas”, versões do currículo que num exame mais aprofundado podem ser consideradas o clímax de um longo e contínuo conflito. (1995, p.24).

O discurso neoliberal afirma que as mudanças administrativas são pautadas pela necessidade de qualidade e melhor prestação de serviço. Mas, na prática, esse discurso mostra seu lado perverso implantando um serviço precário para seus usuários.

A importância de se discutir o skate na escola é falar também sobre classes sociais. A grande maioria dos alunos da Rede Pública de Ensino demonstra interesse e vontade de aprender a prática do skate, mas não conseguem ter acesso ao skate e aos equipamentos de proteção. A escola pública poderia fornecer esses materiais para os alunos interessados em aprender o skate nas aulas de Educação Física. Mas as realidades escolares colocada pelas reformas educacionais nem sempre garantem a verba para compra de equipamentos ou até mesmo para serviços básicos de manutenção do espaço escolar.

A organização do Programa São Paulo Faz Escola efetivou um modelo pedagógico de ensino centrada na aprendizagem de habilidades e competências, como a leitura e a escrita. As descrições do conteúdo do Caderno do Professor e do Caderno do Aluno mostram essas intenções educacionais e políticas.

O skate como vimos é apresentado de forma precária ao aluno/a, sem aprofundar sua história ou fundamentos básicos, e acabam tendo contato com a prática do skate, majoritariamente, através de textos, figuras e imagens.

A análise crítica do conteúdo curricular da área da Educação Física para o Ensino Médio da Rede Pública levantou a seguinte questão sobre a presença do conteúdo didático sobre a prática do skate: qual o sentido do skate estar presente somente para a etapa final do Ensino Médio? Por que o skate não está presente nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Pela descrição dos conteúdos apresentados no Caderno do Aluno e no Caderno do Professor do Terceiro Ano do Ensino Médio da área da Educação Física, fica nítido que a presença do skate apresenta um caráter utilitário voltado para o mercado de trabalho. A formação escolar estatal tem como intenção trabalhar habilidades de leitura e escrita para formar mão-de-obra barata para o mercado de trabalho na sociedade capitalista marcada pela precarização das condições de trabalho.

A institucionalização de uma atividade esportiva pelos materiais curriculares e escolares aponta para um esvaziamento da cultura juvenil pelo processo de escolarização da prática do skate. Os exercícios apresentados aos alunos da Rede Pública de Ensino fortalecem essa idéia, pois apresentam o skate e sua prática através de figuras e exercícios que exigem a leitura e escrita dos alunos. Esse exemplo aparece no exercício descrito na página 81 da presente dissertação de mestrado.

A organização do currículo paulista gerou uma série de críticas sobre a forma como foi implantado nas escolas públicas estaduais. Entre outros fatos, como o processo de uniformização do sistema educacional afetou a autonomia dos professores nos seus espaços de atuação profissional.

Mas apesar dos impactos limitados, negativos das reformas educacionais no cotidiano escolar e no trabalho do professor, a escola possui relativa autonomia para construir sua forma de agir e resistir às normas prescritas pela implantação do currículo oficial.

Talvez seja nesta perspectiva que resida a possibilidade do skate realmente se efetivar na cultura escolar e oferecer um acesso efetivo desta prática e de outros aprendizados na

educação física aos estudantes da Rede Pública de Ensino.

A relação entre escola e skate é marcada por contradições, conflitos e potencialidades. As contradições como assinalamos, ocorre pela falta de verbas para o fornecimento dos materiais necessários à prática do skate. O conflito pode ser identificado pelas próprias orientações do Caderno do Professor que solicita que o professor negocie com a coordenação e direção se há possibilidade dos alunos entrarem com o skate dentro da instituição de ensino, assim como utilizarem outros espaços escolares além da quadra esportiva.

Lima (2017) ao pesquisar como os jovens skatistas atribuem sentido à apropriação de seus corpos na escola, analisa este conflito entre uma prática juvenil e uma instituição social que possui suas regras e normas de funcionamento específicas para “moldar” um tipo de aluno obediente:

Devido a este motivo, e outros, que se quis refletir a respeito da apropriação que os jovens skatistas, acostumados às vivências de ludicidade e prazer na prática do skate, fazem dos seus corpos na escola, contexto que supostamente é marcado pela ausência de liberdade, as constantes punições/repreensões verbais e escritas, as ameaças de notas baixas, suspensões e transferências, a classificação pelas notas e a padronização dos comportamentos dos jovens estudantes, tanto os skatistas quanto aqueles participantes de outros grupos juvenis, que se voltam e incidem sobre seus corpos” (LIMA,2017,p.07).

E continua a reflexão:

Este modelo educacional longe de promover a emancipação, a criticidade e a autonomia são a antítese destes processos, ou seja, via inculcação e memorização dos conteúdos ministrados procura-se formar e moldar o caráter dos jovens skatistas preparando-os não para o presente e sim para um futuro por vir, que pode não se consolidar como realidade haja vista as incertezas do amanhã. (LIMA, 2017, p.07).

A Proposta Curricular, afirma um projeto de educação para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea e as inovações tecnológicas, assim como “dos processos políticos que redesenham as relações mundiais que geraram um novo tipo de desigualdade, ou exclusão, ligada ao uso das tecnologias de comunicação que hoje mediam o acesso ao conhecimento e aos bens culturais”. (SÃO PAULO, 2008, p. 09).

No caso disciplina Educação Física, como vimos, o skate aparece somente na grade

curricular no terceiro ano do ensino médio, no eixo temático Contemporaneidade da Proposta Curricular do Ensino Médio. Esta nomeação nos permite supor uma das razões de sua inserção na referida proposta curricular. Por outro lado, os objetivos gerais da disciplina entendem os jogos, os esportes e a ginástica “como fenômenos socioculturais em sintonia com os temas do nosso tempo e da vida dos alunos, ampliando os conhecimentos no âmbito da Cultura de Movimento, visando a construção de uma autonomia crítica e auto crítica.” (SÃO PAULO, 2014, p. 05) Com relação à prática do skate, tal autonomia parecer não se efetivar pelas razões já apontadas. Prevalece a ênfase no movimento como uma prática contra a sedentarização.

O modelo implantado na educação paulista, pela reforma curricular de 2008, em vigor até hoje, 2020, tende a moldar os jovens com uma formação voltada para a ocupação de posto de trabalhos precarizados. Investe à prática do skate, um caráter utilitário, ressaltando ser utilizado em supermercados, lojas de departamento ou para serviços de entrega. Será que o papel do skate se resume a esta função no mundo do trabalho contemporâneo?

O skate, na sua história e nas suas variadas modalidades de prática, apresenta o elemento radical, de risco, de limite e de superações na sua trajetória. A instituição escolar, mesmo com a implantação do currículo oficial que garante a presença do skate no espaço escolar, está pronta para encarar, lidar e negociar com a radicalidade dos desejos e vontades dos alunos? Ou prefere limitar essa radicalidade devido à falta de acesso aos conhecimentos e práticas que formam um aprendizado crítico e autônomo?

A proposta curricular esvazia a cultura juvenil. Não está interessada na formação do jovem. Poderíamos dizer que o texto curricular desvia o nosso olhar do que realmente considera: a prática do skate não como um esporte ou lazer, mas um instrumento utilitário para o mercado de trabalho. Portanto, mesmo que apresentasse os materiais necessários para prática do skate, ela não se concretizaria. Isto talvez, explique a inclusão do skate somente para o Terceiro Ano do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: [punks e darks no espetáculo urbano]*. São Paulo: Scritta; ANPOCS, 1994.
- AGUIAR, Tiago Cambará. “O skate e o seu design gráfico: uma breve análise”. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). *Skate & skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.
- ALMEIDA NETO, Antonio Simplício; CIAMPI, Helenice. A história ser ensinada em São Paulo. *Educação em Revista (UFMG)*, v. 31, p. 195-222, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276080330_A_HISTORIA_A_SER_ENSINADA_EM_SAO_PAULO. Acesso em: 13 jan. 2020.
- APPLE, M. W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (org.). *Currículo, cultura e sociedade*. Tradução de Maria Aparecida Baptista. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- APPLE, M. W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- APPLE, M. W. *Ideologia e currículo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ARMBRUST, Igor; LAURO, Flávio Antônio Ascânio. O skate e suas possibilidades educacionais. *Motriz: rev. educ. fis.*, v. 16, n. 3, p. 799-807, 2010.
- BOIM, Thiago Figueira. *O que e como ensinar: proposta curricular, materiais didáticos e prática de ensino nas escolas públicas em São Paulo (2008-2009)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/27943609/PONTIF%C3%8DCIA_UNIVERSIDADE_CAT%C3%93LICA_DE_S%C3%83O_PAULO_PUC-SP. Acesso em: 13 jan. 2020.
- BRANDÃO, Leonardo. *Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)*. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2006. Disponível em: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/Leonardo-Brand%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- BRANDÃO, Leonardo. O surfe de asfalto: a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). *Skate & skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.
- BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). *Skate & skatistas: questões contemporâneas*: Londrina: UEL, 2012.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos*. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 13 jan. 2020.

CATANZARO, Fabiana. *O Programa São Paulo faz escola e suas apropriações no cotidiano de uma escola de ensino médio*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22062012-132511/publico/FABIANA_OLIVIERI_CATANZARO.pdf. Acesso em: 13 jan. 2020.

CINTO, Gregory de Jesus Gonçalves. *Corpo, escola e processos de subjetivação: a educação física no Programa “São Paulo Faz Escola”*. 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012. Disponível em: <https://www.listasconfef.org.br/arquivos/2019/com/dissertacoes/CINTO.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FRANÇA, DilvanoLeder de. *Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental*. 2016. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FRANCO, Laércio Claro Pereira *et al.* Atividades físicas de aventura: proposta de um conteúdo na educação física escolar no ensino fundamental. *Arquivos em Movimento*, v. 7, n. 2, p. 18-35, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9186/7316>. Acesso em: 13 jan. 2020.

GOODSON, Ivor. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, RJ: Vozes 1995.

HONORATO, Tony. Uma história do Skate no Brasil: do lazer à esportivização. *In: Encontro Regional de História – O lugar da história*, XVII, 2004, UNICAMP-Campinas. São Paulo: ANPUH, 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/37742506.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

LIMA, Marco Antônio Oliveira. *O corpo sob a perspectiva de jovens skatistas*. 2017. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2017.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *De “carrinho” pela cidade: a prática do streetskate em São Paulo*. São Paulo: Editora Intermeios/FAPESP, 2014.

MACIEL, Raimundo. *Skate é arte a brincadeira faz parte*. Manaus: Ed. Do Autor, 2015.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (org.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

PEDROSO, Helenrose Aparecida da Silva; SOUZA, HederCláudio Augusto de. *Absurdo da realidade: o movimento punk*. Campinas: Editora Unicamp, 1983. (Coleção Cadernos IFCH Unicamp, n. 6)

PEREIRA, A. B. “*A maior zoeira*”: experiências juvenis na periferia de São Paulo. 2010. 262 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17112010-141417/en.php>. Acesso em: 13 jan. 2020.

PEREIRA, Júlio Gabriel de Sá. *Relações com o Skatismo em Florianópolis- SC: um estudo sobre a formação do campo e do habitus*. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/49383354-Julio-gabriel-de-sa-pereira-relacoes-com-o-skatismo-em-florianopolis-sc-um-estudo-sobre-a-formacao-do-campo-e-do-habitus.html>. Acesso em: 13 jan. 2020.

RIBEIRO, V. S. Análise dos cadernos do professor e do aluno do São Paulo Faz Escola da disciplina de sociologia no ensino médio: contradições e apontamentos. *In: Jornada do Núcleo de Ensino de Marília*, 14º, 2015, Marília, 2015. Mesa 11 – Ciências Sociais, Filosofia e Educação Escolar.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMES, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTONI, João Henrique. O som da rebeldia: a relação entre a prática do skateboard e o punkrock. 2013. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2013.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. *Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física*. Coordenação de Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2008. Disponível em: http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/Prop_EDF_COMP_red_md_20_03.pdf. Acesso em: 13 jan. 2020.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da Educação. *Caderno do professor – Educação Física – Ensino Médio – 2014 – 2017: material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Secretaria da Educação, 2014.

SILVA, Krícia de Sousa. *Manobras sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do Litoral do Piauí*. Fortaleza, CE: EDUECE, 2018.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Lazer na adolescência: uma análise sobre os skatistas do ABC paulista*. 1997. 165f. Dissertação (Mestrado e Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1997. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274818>. Acesso em: 13 jan. 2020.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. Barueri, SP: Manole, 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas: continuidades y cambios*. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, p. 07-47, jun. 2001.

YOUNG, M. *O currículo do futuro: da “nova sociologia da educação” a uma teoria crítica do aprendizado*. Campinas: Papirus, 2001.